

RÇO

S T Q Q S S

RÇO

S T Q Q S S

1 2 3 4 5

RÇO

S T Q Q S S

1 2 3 4 5

8 9 10 11 12 13

15 16 17 18 19

RÇO

S T Q Q S S

1 2 3 4 5

8 9 10 11 12 13

15 16 17 18 19

22 23 24 25 26

29 30 31

Tempo frag men tado em memórias

(Crônicas)

José Neres

Para que serve o tempo?

Não sei...

Talvez para ocultar de mim
tantas coisas que, no fim,
não sei...

José Neres

**TEMPO FRAGMENTADO EM
MEMÓRIAS**

(Crônicas)

São Luís - 2022

© 2022 - José Neres
joseneres.letas@gmail.com

Todos os direitos reservados para José Neres e seus herdeiros legais

O conteúdo deste e-book pode ser reproduzido em todo e qualquer meio,
físico e/ou virtual, desde que seja declarada a autoria

Digitação, diagramação, projeto gráfico e capa
José Neres

Revisão Final
Gabriel Barros Neres

Neres, José (1970)

Tempo fragmentado em memórias: crônicas / José Neres.
São Luís: Edição Virtual, 2022. (E-book)

ISBN; ISBN: 978-65-00-38762-9

1. Crônicas maranhenses. 2 Literatura brasileira. I José
Neres II - Título

CDU: 821.134.3(812.1 - 94

Ao amigo Dino Cavalcante, que sempre
incentiva minhas produções.

A Linda Barros, Laura Barros Neres e
Gabriel Barros Neres, minha família.

A todos os que lerem estas páginas...

A vida é uns deveres que nós trouxemos para
fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é 6^a-feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem – um dia – uma outra
oportunidade,

eu nem olhava o relógio

seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e
inútil das horas.

(Mario Quintana)

Sumário



- 09__ Palavras iniciais
- 11 __ Nunca estou isolado
- 15 __ Aprender e ensinar na pandemia
- 19__ O mestre dos sete instrumentos
- 24__ De um pai para todos os filhos
- 28__ Um passeio pelas páginas da cidade
- 32__ Vozes que me seguem
- 38__ Um perigoso brilho no olhar
- 42__ Nossa combalida literatura
- 48__ Uma Victoria da Literatura Brasileira
- 50__ Sobre microcontos
- 53__ Uma série de séries
- 59__ Minha modesta lista: romances
- 65__ Minha modesta lista: poemas
- 70__ Cinco obras que adorei ler recentemente
- 76__ A beleza poética de Bruna Lombardi
- 82__ As infinitudes do olhar em Airton Souza
- 87__ Alfredo Bosi: um adeus!

- 91__ Uma trilha sonora do amor
- 96__ eu e Caxias; Caxias e eu
- 101__ Lives, lives, lives...
- 105__ Efêmeros, ridículos, mas verdadeiros
- 111__ Daltro: um talento em tela
- 116__ Enem: na hora da redação
- 120__ Na sala de aula virtual
- 124__ Brincando com as palavras
- 129__ Ao que se foi
- 133__ O mundo a um clique?
- 137__ O primeiro livro que li
- 143__ Eu e Mario Quintana
- 148__ Sobre o autor

Palavras iniciais



Daqui a alguns anos, quando o momento presente for apenas uma longínqua lembrança ou uma nota de rodapé no livro da história da vida, talvez alguém encontre uma pausa em seus afazeres e se pergunte: o que eu fiz durante a pandemia iniciada em 2020?

Muitas respostas virão. Muitos parentes, amigos, conhecidos ou mesmo desconhecidos serão invocados a fazerem parte de uma macabra contabilidade de perdas; por outro lado, muitas histórias de superação também serão trazidas à tona.

Antes que alguém pergunte, respondo logo. Durante a Pandemia li, escrevi, assisti a filmes, séries, documentários, fiz alguns cursos, trabalhei praticamente o triplo do normal em casa e, principalmente, desfrutei da companhia de meus familiares.

A pedido de alguns amigos, como Bioque Mesito e Marcos Fábio Belo Matos, fiz também uma série de colaborações para páginas virtuais. Bioque convidou-me para ser um dos articulistas do blog Textual, com colaborações publicadas semanalmente às segundas-feiras. Uma ou duas vezes por mês participei também do site Notícias da Região Tocantina e do Facetubes, portal dirigido pelo jornalista Mhario Lincoln. Tais convites ajudaram-me a manter um ritmo de escrita, mantendo-me pontual na entrega dos textos. Também continuei minhas

colaborações no Jornal O Estado do Maranhão e a manutenção de meu site pessoal.

Uma das partes boas de tudo isso é que todos os meus editores me deixaram totalmente à vontade quanto ao tema, o estilo e o vocabulário. Isso ajuda e muito! A liberdade para produzir é um dos combustíveis que mantêm o artista atento ao seu entorno e o leva a tentar se superar a cada título publicado. Nem sempre dá certo. Mas sempre estamos tentando.

Foi dessas colaborações que foram colhidos os frutos que ilustram as páginas a seguir. Não tenho ideia de quanto textos escrevi durante a pandemia e de quantos publiquei. Como nesse mundo virtual tudo pode ser perdido em um clique, resolvi selecionar algumas dessas crônicas publicadas e enfeixá-las neste e-book. Deixei de lado os vários textos nos quais analisei e comentei obras literárias maranhense. Brevemente eles também serão reunidos em trabalho semelhante.

Optei por reunir aqui crônicas diversas sobre temas variados, sempre em uma linguagem acessível, pois a missão desse tipo de texto é sempre atingir o maior número possível de leitores, que, não raras vezes, têm pressa e não estão dispostos a recorrer a um dicionário a cada parágrafo. Ler deve conter sempre alguma dose de prazer e não a sensação de castigo.

Para concluir estas palavras iniciais, resolvi, ao diagramar este e-book, oferecer cada texto a algum amigo ou amiga. Claro que alguns ficarão de fora, mas será por falta de espaço, não por falta de estima ou de carinho.

Desejo a todos uma boa leitura.

Nunca estou isolado

Para Linda Barros



Para muitas pessoas, passar alguns dias em casa é uma tarefa difícil, quase uma tortura sem fim. O tempo parece não passar, as centenas de canais de TV não trazem nada de interessante e as inúmeras redes sociais não parecem tão sociáveis assim. Como praticamente todos finais de semana ou estou em isolamento social ou trabalhando, permanecer em casa, na companhia da família, de minha cadelinha e de meus felinos é algo bastante salutar que pretendo aproveitar de forma bastante intensa. Ainda por cima tenho a sorte de durante quase toda a vida haver colecionado livros, livros e mais livros. O que faz com que este momento esdrúxulo de nossa história se torne uma oportunidade de colocar várias (re)leituras em dia.

Mas o que tenho lido? O que lerei?

Começo com a “*Toda Poesia*” de Paulo Leminski, um poeta para toda as horas e todas as oportunidades, dono de um estilo que liga temáticas humanas bastante inusitadas a uma fantástica escolha lexical. Em cada poema, Leminski se supera e surpreende o leitor com frases de efeito que vão além do mero jogo de palavras. Seus efeitos verbais não podem ser

vistos com simples exibicionismos de um homem que tinha um conhecimento vasto e que sabia eternizar no papel as ideias que pipocavam em uma mente inquieta e criativa, mas sim como as marcas de uma genialidade que não via limites para brincar com a própria condição humana.

Levanto e passeio entre as páginas de Ítalo Calvino. Quanta criatividade em uma só pessoa! Impossível não se encantar com as dúvidas de “*Palomar*”, o homem que se angustia com as possibilidades de olhares que se descortinam diante de si ao se defrontar com uma mulher com os seios à mostra em uma praia. Bom adentrar no “*Castelo dos Destinos Cruzados*”, onde todos perdem a voz e dão a conhecer suas histórias pela sequência das cartas de tarô. As belas alegorias de “*O Barão nas árvores*”, “*O Visconde partido ao meio*” e “*O cavaleiro inexistente*” tornam qualquer isolamento social mais leve e divertido. O que dizer dos contos de “*Um general na biblioteca*”? São fantásticos em todos os sentidos válidos. Calvino também nos brindou com os encadeamentos sem fim de “*Se um viajante numa noite de inverno...*”, uma coleção de experiências estilísticas que valem por um curso de teoria literária e de escrita criativa. Não posso esquecer também de suas “seis lições para o próximo milênio” e de “*Por que ler os clássicos*”, obras de inestimável valor nas quais o conhecimento literário e a erudição desse escritor parecem não ter fim.

Visito e revisito de tempos em tempos a explosão de violência literária que emana das páginas de Rubem Fonseca. Dois de seus livros eu ainda não havia lido – “*Histórias curtas*” e “*Carne crua*”. Embora sem a força narrativa de livros

anteriores, esses dois não me decepcionaram. Violência, sexo, problemas psicológicos e narradores eruditos, que são algumas das características recorrentes de Fonseca, encontram-se espalhados pelas páginas desses dois livros que me remeteram imediatamente a releituras de *“Diário de um fescenino”*, *“64 conto de Rubem Fonseca”*, *“O caso Morel”*, *“Pequenas Criaturas”*, *“Buffo & Spallanzani”*, *“A confraria dos espadas”*, *“E no meio do mundo prostituto só amores guardei a meu charuto”*, *“Histórias de amor”* e tantos outros volumes que tenho em minha estante. De repente paro. Não li um dos livros. Que absurdo! Separo-o. tenho que devorar *“O romance morreu”*. Qual será a razão pela qual não o li antes? Essa falha deve ser corrigida. E será.

Aproveito a oportunidade para limpar os livros. Faço isso com frequência, mas a poeira parece não respeitar meu trabalho e insiste em pousar onde não deve. Separo alguns livros de História que servirão como referencial teórico para um artigo que pretendo escrever semana que vem e depois, em outra estante, deparo-me com a provocativa poesia do Glauco Mattoso. Seus fetiches, suas críticas mordazes e sua obsessão por pés escondem mais do que um escritor irreverente e cheio de picardias. Ali está uma mescla entre a tradição na elaboração de sonetos e uma observação atenta a tudo o que ocorreu em nosso país nas últimas décadas. Vale a pena ler Glauco Mattoso.

Correndo os olhos pela estante à minha frente, encontro uma edição da *“Odisseia”*, em tradução de Carlos Alberto Nunes. Ela está no local errado, deveria estar entre os clássicos universais, na outra estante. Porém vou deixar o livro ali mesmo, pois está na boa companhia de Umberto Eco (*“O nome da rosa”*, *“Baudolino”*

e “*A misteriosa chama da rainha Loana*”, Pepetela (“*A geração da utopia*”) e Raul Seixas (“*A verdade absoluta*”) e meu antigo professor Johnny José Mafra (“*Cultura clássica grega latina*”), além de estar também bem pertinho de Pirandello (“*O marido dela*”) e James Joyce (“*O retrato do artista quando jovem*” – esses gênios se atraem!!!

Limpei várias prateleiras. Pelas minhas contas faltam agora somente doze. Ficam para depois. Já que agora tenho em mãos uma de minhas novas paixões literárias: Herta Müller. Depois de escrever uma crônica para a página d’O Integrantes da Noite, irei passar parte da noite deliciando-me com os contos dessa talentosa escritora que foge o comum e que faz de cada detalhe uma obra de arte em forma de palavras.

Isolado? Que tipo de isolamento é esse que me permitiu passear pelo mundo? Os livros nos oferecem esse tipo de liberdade. Vamos aproveitá-los.

Aprender e ensinar durante a pandemia

Para Joaquim Gomes



Escola fechada não é sinônimo de educação paralisada.

Nos últimos meses, ao passar diante de uma escola ou outra instituição de ensino, tem-se a impressão de que o momento de pandemia pelo qual passamos paralisou tudo. Mas isso não é verdade. A economia não parou totalmente, embora tenha desacelerado em diversos setores. Nem todo mundo está em sua casa esperando o fim da crise. Da mesma forma, a educação não ficou paralisada.

Diante de uma crise sem precedentes na história recente do mundo, a instituição escolar e todos os seus atores tiveram que adaptar-se a uma nova realidade. Mesmo os professores mais resistentes às inovações tecnológicas foram forçados pelo

contexto a reverem suas práticas e adotarem novas ferramentas para que o alunado continuasse tendo acesso aos conhecimentos necessários a uma formação acadêmica tão exigida em diversas ocasiões da vida.

Quase que do dia para a noite, os professores tiveram que se apropriar de um novo vocabulário e de novas práticas. Palavras como hangouts, meet, zoom, live, podcast, classroom e teams, entre tantas outras, deixaram de ser vistas como modismo e se converteram em necessidades pedagógicas. Muitos docentes tiveram que começar o contato com esse instrumental tecnológico do zero, pois durante sua formação e atuação em sala de aula, não receberam nem mesmos os mais básicos rudimentos sobre o assunto. Porém praticamente todos deram lições de superação e atualmente já podem acrescentar essas novas habilidades e competências em seus currículos.

Os gestores tiveram que, em um curto intervalo de tempo, pensar em soluções exequíveis e que satisfizessem a uma maioria, sem deixar de lado os alunos e as famílias que vivem dificuldades específicas. Uma tarefa muito complicada e praticamente impossível de ser efetivada sem que alguém se sinta prejudicado. Comunicar-se com professores, alunos,

famílias e administrar plataformas digitais, documentações e demais aspectos essenciais para o andamento do processo ensino-aprendizagem têm sido desafios constantes para esses profissionais da educação.

Por outro lado, os alunos também tiveram que adaptar-se à nova realidade. Ferramentas que antes eram vistas apenas como forma de interação com amigos ou de entretenimento transformaram-se em canais de recebimento e de envio de atividades escolares. O estudante teve que aprender a assimilar informações e conhecimentos de outros modos que não o presencial em sala de aula. O estudante vem descobrindo que a aprendizagem pode se dar a toda hora e em qualquer lugar e que ele precisa gerenciar o próprio tempo e suas escolhas cotidianas.

Até mesmo a família, tantos dos docentes quanto dos discentes, teve que reaprender a lidar com pessoas que precisam de um espaço e de um momento específico para ensinar e para aprender. Além das práticas escolares, até mesmo as relações parentais tiveram que ser repensadas a partir do momento em que o distanciamento social imposto pela crise acabou forçando uma aproximação familiar.

Claro que, infelizmente, por causa da realidade econômica de muitas famílias, esse tipo de educação remota ainda pode ser visto como algo bastante seletivo. Nem todos têm acesso a celulares, computadores, tablets e outros mecanismos que podem ser conectados à internet. Para essas pessoas a pausa forçada tem sido muito mais dolorosa

Uma das possíveis soluções para minimizar esse problema poderia ser a inserção de conteúdos educacionais durante a programação da TV aberta, principalmente nos horários de maior audiência. Mas será que há interesse nisso?

As escolas estão fechadas. Alunos e professores estão em casa. Mas a educação não parou. Nem vai parar.

O mestre dos sete instrumentos

Para José Luiz
Carvalho dos
Santos



2020 tem sido extremamente ríspido com toda a população da Terra. Logo em seus primeiros vagidos, o Ano-Novo trouxe consigo a notícia de uma ameaça que perdura até o presente momento e que, inevitavelmente, alterará o comportamento de boa parte da população por décadas. De repente, andar mascarado em meio ao público deixou de ser uma tradição carnavalesca ou indício de má intenção e passou a ser uma medida de proteção para si e para o próximo. Os abraços e apertos de mão tornaram-se fonte de perigo e até despedir-se presencialmente dos parentes, amigos e conhecidos que não resistiram à enfermidade tornou-se algo impraticável.

O ano de 2020 tem sido célere em colher algumas flores dos jardins das artes. Por motivos variados, mas todos lamentáveis, antes do término dos primeiros cinco meses, já

perdemos Moraes Moreira, Aldir Blan Claudia Telles, Paulyinho Paixão, Kenny Rogers e Little Richard (música); Daniel Azulay (desenho); Sérgio Noronha, Alfredo Menezes e Roberto Fernandes (jornalismo); Kirky Douglas, José Mojica Marins, Flávio Migliaccio e Daisy Lúcidí (cinema); Rubem Fonseca, Luiz Alfredo García-Roza, Marcus Vinícius Quiroga, Luis Sepúlveda, Olga Savary e Sérgio Sant’Anna (literatura), entre tantos outros importantes seres humanos que muito contribuíram para nossa cultura.

Menos noticiado, porém também muito sentido por seus amigos, familiares, leitores e ex-alunos foi o passamento, no dia 07 de maio, do professor, escritor, compositor e multi-instrumentista José Luís Carvalho dos Santos, “o homem dos sete instrumentos”, como costumava nomeá-lo em sala de aula o lendário professor Ramiro Azevedo.

Sou de uma época em que entrar para a antiga Escola Técnica Federal do Maranhão era algo equiparável a ser aprovado para um curso superior das melhores universidades do Brasil. Os alunos exibiam com orgulho, em ônibus, praças e ruas, aquele uniforme em um leve tom de cinza com o emblema da instituição no tórax. Foi durante minha passagem por aquela

instituição de ensino que tive a honra de ser aluno do professor José Luís.

Ele era um professor das antigas, porém com toques inovadores. Geralmente bastante sério, era capaz de brincar de forma descontraída com a turma entre uma lição e outra. E, muito antes de o uso de músicas invadir as aulas como método e estratégia de ensino-aprendizagem, ele já levava canções para serem lidas, analisadas e muitas vezes cantadas com o acompanhamento de toda a turma. Lembro-me de que certa vez ele levou a letra de *Travessia* e extraiu dela detalhes praticamente imperceptíveis para aqueles jovens que começavam a conhecer outros aspectos da língua portuguesa. Em outro momento, o professor apresentou a nossa turma o *Samba em Prelúdio*, de Vinícius de Moraes, como forma de introduzir a estética romântica que estava prevista na programação letiva anual.

Além de professor, José Luís Carvalho dos Santos também se dedicava à escrita de obras de ficção. Em 2006 publicou o romance *Oceano*, sobre o qual escrevi, no ano seguinte, uma resenha no jornal *O Estado do Maranhão* com o título de “*Romance com música ao fundo*”, pois todo o enredo e as tramas do livro conduzem a um desejo de ler/ouvir a famosa canção

que sempre ecoará na voz de Djavan.

Em 2009, como parte do Plano Editorial da Secma, veio à luz o livro de crônica *Cotidiano II*, no qual críticas sociais e lirismo se misturam com passagens autobiográficas, compondo um quadro panorâmico do momento histórico da cidade e do país. O estilo de José Luís era muito agradável e convidativo à leitura, sempre com o cuidado de imprimir em seus textos um certo tom de uma musicalidade eivada de ácidas críticas à situação pela qual passava a população mais humilde.

Além dos dois livros acima citados, nosso músico-professor também deixou para a posteridade os seguintes trabalhos: *Interpretação de Texto e Redação, Análise de Obras Literárias para o Vestibular e Cotidiano I*, além de livros inéditos que talvez um dia venham a público, para a alegria de seus leitores e admiradores.

Como, infelizmente, os traços biográficos de professores e escritores nem sempre são compartilhados, vale a pena lembrar que José Luís Carvalho dos Santos nasceu na capital piauiense no dia 16 de abril de 1948. Desde cedo, sentiu forte atração pelo mundo da música, herança recebida e depois transmitida aos filhos, e pela literatura. Começou a lecionar em Teresina e, em

1982, transferiu-se para São Luís do Maranhão, onde construiu uma sólida carreira no campo do ensino de Língua Portuguesa, ministrando aulas em diversas escolas públicas e particulares. Aposentou-se e levou uma vida sempre voltada para a cultura, seja escrevendo, cantando, compondo ou tirando harmoniosas notas dos muitos instrumentos tocava com muita habilidade.

No dia 07 deste mês, após completar seus 72 anos de muitos serviços prestados à Educação de nosso país, o professor José Luís deixou nosso cotidiano terreno, deixando para todos um oceano de palavras, de boas recordações e de agradecimentos.

De um pai para todos os filhos

Para o doutor Marcelo

Leão



No meio de um mundo repleto de inseguranças, pelo menos duas certezas são evidenciadas todas as vezes que entramos em contato com os inúmeros elementos que compõem o nosso universo. Uma delas é a inexorabilidade da morte. A outra é que um bom pai ou uma boa mãe são capazes dos maiores sacrifícios pelo bem-estar dos filhos.

É praticamente impossível calcular-se todo o empenho dos pais na criação de sua prole. E não se está aqui falando de questões pecuniárias, pois isso pode ser tabulado nas mais variadas planilhas e transformado em cifras. O que está em tela é a impossibilidade de mensurar todas aquelas variáveis de tempo, energia, afeto e dedicação que são aplicados diariamente em uma conta sem fim ou limites e que têm a capacidade de

diferenciar um(a) mantenedor(a) de uma criança de um Pai ou de uma Mãe (com iniciais em letras maiúsculas mesmo).

Essa foram algumas das reflexões que vieram à minha mente enquanto lia o livro “*Aos filhos, o legado da felicidade*” (Novo Século Editora, 2019, 92 páginas) do médico e escritor Marcelo Leão, que nasceu no Piauí, mas que reside já há algum tempo em terras maranhenses, onde vem se tornando uma referência no campo da oftalmologia, sua especialidade.

O livro é composto de quarenta e quatro textos bastante curtos, escritos em uma linguagem simples e poética ao mesmo tempo, e que leva o leitor a despertar para uma série de situações que de tão cotidianas raramente são discutidas abertamente em família. Temas como coragem, dinheiro, vícios, caridade, estresse, arrogância e escolhas, entre outros, desfilam pelas páginas do livro e convidam o leitor a desacelerar seu ritmo de vida para rever certos conceitos e observar a realidade sob outros prismas.

Os textos do livro podem ser lidos em qualquer ordem e se aproximam de uma conversa entre um pai (ou mãe) e seus filhos. Alguém pode questionar o fato de o(a) receptor(a) não ter direito à fala ou a questionamentos, parecendo aceitar todas

as “lições” de modo passivo e acrítico. Mas isso é uma questão de olhar ou de opinião, já que pode haver também quem considere uma atitude muito respeitosa receber atentamente ensinamentos que são ofertados por alguém mais experiente e que apenas deseja o bem para o interlocutor. De qualquer forma, uma trilha sonora imaginária antecede cada uma das falas. É como se a introdução da canção “*O Último Julgamento*”, que fez sucesso na voz da dupla Milionário e José Rico, pudesse ser entoada em cada início de texto: “Senta aqui neste banco, pertinho de mim e vamos conversar...”.

Mas o escritor Marcelo Leão não pretende julgar ninguém em sua prosa poética. Sua intenção ao longo das páginas é prevenir e alertar, não apenas a juventude, mas a todas aquelas pessoas que precisem de um auxílio, para as armadilhas e obstáculos que podem ser encontrados durante a “longa jornada da vida”.

O autor teve o cuidado de omitir o pronome possessivo no título do livro, o que valoriza ainda mais o conteúdo. Não se trata de um pai preocupado apenas com o futuro e com a saúde física e emocional dos próprios filhos em um mundo cada vez mais líquido, conforme preconizava Bauman, ou com a própria

prole imersa em uma sociedade de risco conceituada por Ulrich Beck, mas sim de um ser humano atento ao que existe de mais humano no mundo e que decidiu doar um pouco de seu tempo para mostrar que sempre há opções de caminhos a serem percorridos. E isso merece aplausos!

O contato com esse livro permite ao leitor perceber que todos os sacrifícios de pais e mães são nobres e que é possível deixar para nossos filhos algo bem maior e durável que os bens materiais.

Um passeio pelas páginas da cidade

Para Benedito
Buzar



São Luís, ao longo de seus 408 anos, sempre serviu como musa inspiradora para inúmeros artistas. A Cidade é uma inesgotável fonte de inspiração para poetas, fotógrafos, cronistas, pintores, escultores, pesquisadores, contistas, compositores, romancistas... Suas ruas, fontes, becos e casarões, que testemunharam inúmeros crimes, conluíus, amores contrariados ou bem resolvidos, também serviram de cenário para inúmeras obras literárias que podem inclusive servir como guia para um passeio literário pela Cidade.

São Luís é tão rica em aspectos culturais que a pessoa interessada pode inclusive escolher as credenciais do cicerone que descortinará os véus do tempo e da história para olhos, ouvidos, olfatos, tatos e paladares ávidos por tantas informações que circulam pelo ar em forma de narrativas, poemas, músicas, imagens e tantas outras nuances artísticas. Hoje, nesta data tão

especial, circularemos pela cidade acompanhados de seus prosadores, homens e mulheres que se apaixonaram pela Ilha e derramam esse encantamento em contos, novelas e romances que têm a Cidade como cenário.

Comecemos nosso passeio sentindo o calor abafadiço da capital maranhense, narrado pelo talento de Aluísio Azevedo em seu “*O Mulato*”. Passeemos por ruas, casas, praças e igrejas e atentemos para o amor entre Ana Rosa e Raimundo e nos assustemos com as tramas perpetradas por Dona Bárbara e o Padre Diogo. A seguir continuemos nosso caminho ouvindo os gritos de liberdade que ecoaram da notícia da libertação dos escravos e que foram tão bem descritos, de forma ácida e crítica, por Nascimento Moraes em seu “*Vencidos e Degenerados*”.

Sob um sol escaldante, nada melhor que parar um pouco na casa da professora de Inglês Miss Maude, a doce e reclusa protagonista de “*Teias do Tempo*”, romance de Conceição Neves Aboud. Podemos subir pela “*Rua do Sol*”, livro de Origenes Lessa, escritor paulista que viveu parte da infância na capital maranhense e daqui tirou parte de sua inspiração. Nesse périplo, podemos conviver com os dramas de Bárbara de Sena, mais conhecida como “*Maria da Tempestade*”, que, pelas mãos

de João Mohana, viveu uma tórrida e trágica história de amor com o jovem Guilherme e teve seu destino cruzado com o da enigmática Cora Mendes.

Nessa jornada pela Cidade, é quase impossível em algum momento não cruzarmos com Cíntia e Luíza, personagens do Romance “*A Parede*”, de Arlete Nogueira da Cruz, ou mesmo cruzar os passos com uma senhora idosa a pedir esmolas pelas ruas do Centro Histórico, em sua eterna litania. É bom passar pelo Lira/Belira e conhecer “*Maria Arcângela*”, protagonista de Erasmo Dias, em novela homônima. Sem dúvida, iremos tentar dar alguns passos de bumba meu boi inspirados por essa bela e sofrida moça.

É importante não se assustar quando, em uma noite de chuva, um cachorro-quente se transformar no “*Monstro Souza*”, interessante criação de Bruno Azevêdo, nem com o horrível crime do Desembargador Pontes Visgueiro, que assassinou a jovem Mariquinhas e escondeu o corpo da garota em uma caixa, como conta o saudoso Waldemimo Viana em “*A Tara e a Toga*”. Quase ao fim de nossa caminhada, ainda dá tempo de conhecer a história de “*Ana Jansen*”, narrada por Rita Ribeiro e de passear pelo Baixo Meretrício na prosa de Wilson Martins,

em “*Candelabro de Deus*”. Sobra pouco tempo, mas ainda o suficiente para ouvir “*O Entrevistador de Lendas*” na voz e na pena de José Ewerton Neto.

Finalmente, façamos uma parada no “*Cais da Sagração*”, sigamos até o “*Largo do Desterro*”, e ali esperemos Damião, que nos guiará por toda a Cidade ao som de “*Os Tambores de São Luís*”, tendo sem suas mãos um mapa cuidadosamente desenhado por Josué Montello.

Com um pouco mais de vontade esse passeio-trajeto pode ser feito também com base na inspiração de poetas, cronista, compositores... Basta tentar e seguir a rota das artes...

Vozes que me seguem

Para Isabel
Dantas de Araújo



Minha infância e começo de juventude foram marcadas por algumas vozes que até hoje ressoam em minha memória afetiva. Venho de uma época em que o acesso às imagens televisivas era algo raro. Morei em um Goiás antes da chegada acachapante do progresso. Para acompanhar os jogos de futebol, eu, João, Domingos, Messias, Raimundo, Chico, Agnaldo, Geraldo e outros amigos de infância sujeitávamos ao sacrifício de andar por dois a três quilômetros com uma bateria às costas. A solução da bateria puía nossas roupas, mas patrocinava alguns momentos de alegria e o prazer daquelas famílias em assistir aos capítulos das novelas.

Ao final do dia, a casa geralmente ficava cheia de pessoas a acompanhar aos intermináveis folhetins eletrônicos. Telenovelas como *Dancin' Days*, *Cabocla*, *O Astro*, *A Escrava Isaura*, *Duas Vidas*,

O Casarão, Estúpido Cupido, O Feijão e o Sonho, Marron Glacê, Pai Herói, Saramandaia, Louco Amor, O Bem-amado, Pecado Capital, Guerra dos Sexos, Roda de Fogo e Roque Santeiro, entre tantas outras, faziam parte de nossas famílias e encantavam o imaginário das colegas Aparecida, Leide, Luzia, Lourdinha, Isabel e tantas outras meninas que hoje são jovens senhoras e talvez nem se lembrem desses momentos tão antigos.

Eu e os demais garotos não nos interessávamos muito pelas tramas das novelas, mas isso não significa que não acompanhávamos os capítulos com o devido respeito ao gosto das famílias. Na verdade, passávamos a semana esperando o dia do futebol, por isso ter duas baterias era algo essencial e, para garantir o campeonato brasileiro e os gols do Fantástico e sua inesquecível zebrinha, fazíamos um esforço extra para carregar a bateria na sexta ou no sábado. Tempos difíceis, mas agradáveis. Inesquecíveis, pelo menos para mim.

Durante a semana, minha companhia era o radinho de pilha. Foi nesse veículo que tive contato com a voz mais bela que já ouvi nas ondas do rádio: Valdir Vieira. O melhor locutor que tive o prazer de ouvir. Lembro-me muito bem do dia 19 ou 20 de janeiro de 1982. Naquele dia eu, um garoto prestes a completar

12 anos de vida fiquei paralisado diante da homenagem que Valdir Vieira fizera por ocasião do falecimento de Elis Regina. Um espetáculo! Espetacular também era ouvir as irônicas e singelas “cartas da Vovó”, um emocionante quadro do programa. Da mesma forma, a audiência crescia nos momentos dedicados ao Rei Roberto Carlos. O apresentador criava toda uma atmosfera lírica até, apoteoticamente, anunciar a música.

Sempre acordei cedo para estudar. Minha escola era muito longe e eu saía de casa antes das cinco da manhã. Ao sair de casa, era acompanhado pela voz de Preguinho, um locutor do qual nunca mais tive notícia. E, ao pegar o ônibus, invariavelmente ouvia a voz de Mário Eugênio, um dos primeiros repórteres policiais do Brasil, o famoso Gogó das Sete, como era chamado. No início de novembro de 1994, todos ficaram em choque quando foi anunciado que o famoso repórter havia sido assassinado com vários tiros na cabeça. O barulho do motor do ônibus que nos conduzia à escola fazia coro com os soluços dos muitos admiradores que não conseguiam conter o choro e com o silêncio que emanava dos olhos dos passageiros que não queriam acreditar no que estava acontecendo.

Às seis da tarde, invariavelmente, toda a família se reunia

para ouvir a Ave Maria recitada por Júlio Louzada, momento que no mês de maio era invariavelmente acompanhado pela doce voz do garoto José Leão, que entoava, uma das mais belas canções já produzidas para homenagear as mães: “andei por todos os jardins, procurando uma flor para te ofertar... Flor Mamãe, amor perfeito”. Nessa época também as notícias chegavam a mim pela voz e pelo estilo de Afanásio Jazadji, Barros de Alencar, Eli Corrêa, Gil Gomes, Paulo Barbosa, Zé Bértio, Edmo Zarife, Haroldo de Andrade e Luiz de França. Mais tarde, quando as rádios de Brasília começaram a operar de modo mais intenso e constante, ouvia também o fantástico Edelson Moura e Márcia Ferreira (que depois também se destacaram na música popular).

Garoto ainda, adorava ouvir Fagner, Barry White, Inezita Barroso, Duduca e Dalvan, Milionário e José Rico, Tônico e Tinoco, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Tim Maia, Carlos Alexandre, Paulo de Paula, Nenéo... Lembro de um dia em que, entre ida e vinda da escola, em uma viagem bem longa (a distância de lá para minha casa era cerca de 40 quilômetros) ouvi vinte e três vezes a mesma música, um dos grandes sucessos de todos os tempos: Carlos Santos: “*quero você, quero você, quero você todinha pra mim...*”.

Os sucessos da semana vinham aos sábados com o Globo de Ouro. Da mesma forma, todos nós nos divertíamos com as buzinas do Chacrinha, o estranho humor de Jota Silvestre e todo o domingo era tomado pela imagem do ícone Silvio Santos. Em uma noite de 1981, assisti à estreia de um talentoso jovem que dominava o palco com seu carisma: Augusto Liberato pedia passagem para o sucesso. Minha geração esperava as novidades no Fantástico, geralmente nos últimos blocos vinham os videoclipes. Lembro-me da alegria emanada por Sarajane, Luís Caldas e tantos outros nomes que alegraram as noites brasileiras. Impossível também esquecer que no finalzinho de 1982, o mundo foi abalado pelo clipe de Thriller, uma das melhores obras de Michael Jackson, que já era um sucesso antes disso. Eu vi o clipe e não acreditava no que estava diante dos meus olhos.

Na juventude também fui apresentado a vozes como Alcione, Cláudio Fontana, Papete, Coxinho, João Chiador, Nicéas Drumont, Ubiratan Sousa e Rogéryo du Maranhão. Valores de minha terra que me acompanharam durante um exílio involuntário.

Essas e muitas outras vozes até hoje fazem parte de minha

história e agradeço a todos os seus donos por fazerem minha vida um pouco melhor. Quem for muito jovem não irá compreender as razões pelas quais essas vozes me acompanham há tantas décadas.

Um perigoso brilho no olhar

Para Domingos
Oliveira



Um brilho no olhar pode ser traduzido de muitos modos, dependendo da situação. Em alguns casos é sinal de alegria extrema, podendo também representar surpresa, admiração ou euforia. Contudo, pode trazer a certeza da distração ou até mesmo a proximidade da morte.

Nas ruas e avenidas das cidades, nas rodovias estaduais ou federais, há um brilho que tem levado muitas pessoas a passarem por situações de perigo, susto, enfermidade ou até mesmo óbito: trata-se do brilho que emana dos aparelhos celulares utilizados concomitantemente com o ato de dirigir.

Ninguém precisa ser muito observador para perceber que, nas cidades, mal fecha o semáforo, o condutor saca seu celular e se distrai buscando, enviando ou repassando mensagens de seus inúmeros aplicativos e redes sociais. Alguns nem mesmo

esperam o sinal fechar e conduzem seus veículos com apenas uma mão enquanto utilizam a outra para ler ou digitar as mensagens, geralmente alheios a tudo ao seu redor, inclusive aos buracos, aos transeuntes, aos demais veículos e até mesmo à certeza de voltarem ilesos para casa.

Claro que não é o brilho emanado pela tela do celular o que causa tantos acidentes, nem o que leva tantas pessoas a prejudicarem a própria vida ou a vida dos demais, mas sim a irresponsabilidade de quem acredita não poder esperar até o final do percurso para ter acesso ao mundo virtual.

Quase sempre, não se trata de uma necessidade ou de uma urgência, mas sim do vício de verificar a cada instante o conteúdo do que é postado nas redes sociais, ou mesmo o desejo infrene de tentar manter-se atualizado com relação ao que ocorre no mundo, ou até mesmo pela curiosidade crescente de ter acesso a segredos da vida alheia. Por uma questão de lógica, as pessoas não precisariam correr tanto risco nem pôr em perigo a vida de seus pares por conta de uma informação efêmera e quase sempre desnecessária, porém isso parece não ter importância. O importante mesmo é estar sempre conectado, compartilhar notícias nem sempre verdadeiras e sentir-se

integrado em um mundo virtual cada vez mais obscuro.

No entanto, quando tais pessoas são confrontadas com suas atitudes, negam peremptoriamente que tenham feito algo errado. Geralmente colocam a culpa em uma pressa momentânea e dizem que não são viciadas nesse tipo de informação. Principalmente, juram que são capazes de controlar suas ações e que jamais colocariam a vida das pessoas em perigo, pois se consideram responsáveis e não sabem porque as pessoas se incomodam tanto com uma atitude apenas momentânea que jamais terá reflexo no dia a dia dela ou das pessoas ao seu redor.

Para muitas pessoas, um celular conectado à internet é um meio de ganhar a vida; para outras é um modo de esconder a solidão. Mas há caso em que o celular acaba se tornando um vício que isola as pessoas e que as levam a viver em um mundo de fantasia no qual postar as novidades, ler sobre a vida dos amigos virtuais e compartilhar fotos e frases torna-se muito mais importante do que encarar as pessoas que estão ao seu entorno, dar um bom dia e sorrir para quem está ao lado.

Difícil saber quais serão as consequências disso no futuro, porém é fácil perceber os efeitos já em nosso presente, basta

visitar os hospitais, observar o comportamento das pessoas no trânsito e torcer para não ser vítima de um desses seres que acham que o momento de comunicação é mais importante do que a vida. Às vezes, um brilho que se acende no celular equivale a uma vida que se apaga no meio do caminho.

Nossa combalida literatura

Para Sebastião
Moreira Duarte



Há alguns anos, durante aulas, palestras e conversas acadêmicas, venho chamando atenção para o fato de que nossa literatura, além de estar perdendo visibilidade, não tem conseguido formar novas gerações de leitores. E isso é preocupante!

Sem pensar em procurar culpados ou mesmo em encontrar soluções mágicas que façam com que os autores nacionais voltem a ser lidos, admirados e reconhecidos em todos os rincões de nosso gigantesco Brasil, temos que primeiro refletir sobre o que vem acontecendo nas últimas décadas.

Se alguém tiver a curiosidade de buscar as listas de livros mais vendidos (seria bom se além de vendidos também fossem lidos!) logo perceberá que os autores brasileiros que se dedicam à prosa ou ao verso são raridades nesses rankings. Em uma rápida conversa com estudantes dos diversos níveis de

ensino, é possível perceber que, excetuando-se aqueles nomes consagrados que são ensinados e cobrados em sala de aula, os escritores brasileiros são quase totalmente desconhecidos por parte de nossos alunos (e até de alguns professores!).

Alguém poderia alegar que a juventude atual lê pouco e não se interessa por livros. Mas isso não é bem verdade. Alguns desses garotos e garotas leem o suficiente para citarem dezenas de nomes de autores e títulos de obras. Mas quase sempre esse rol é composto por livros e escritores estrangeiros, principalmente os chamados *best sellers*, raramente nossos jovens citam algum escritor da literatura nacional.

E os raros nomes que ainda são lembrados nessas inquirições assistemáticas são aqueles que aparecem nas páginas dos livros didáticos, mas que, muitas vezes, costumam ser chamados de chatos ou sem graça pelos infantes. Esse contexto passa a impressão de que se um desses intelectuais de gabinete decidir que as aulas de literatura são dispensáveis, até mesmo os nomes clássicos de nossas letras cairão no esquecimento total em poucos anos.

Sinceramente acredito que muitos de nossos escritores (de ontem e de hoje) tenham talento suficiente para figurarem

na lista de obras recomendadas para pessoas de todas as idades. Mas parece que faltam projetos didáticos, pedagógicos e políticos que façam nossas obras chegarem às mãos e aos olhos de nossos alunos. E isso deveria ocorrer nas três esferas do poder, não apenas de modo isolado, como ainda acontece, mais pelo esforço individual de algumas pessoas indignadas com a situação do que por um projeto de interesse mais amplo.

E, se até mesmo os antigos e consagrados escritores estão tornando-se desconhecidos, o que dizer dos novos escritores e dos autores que mal têm seus livros circulando em sua cidade ou em seu Estado? A resposta é óbvia e, infelizmente, nada alentadora.

Infelizmente, em um país com aproximadamente duzentos e dez milhões de habitantes, uma tiragem de três mil exemplares, de um autor nacional, é comemorada como sendo espetacular, mas costuma demorar anos para esgotar-se e nem sempre será brindada com uma nova edição. Parece que vivemos em uma época na qual os livros de nossos autores são tratados ora como lixo, ora como luxo...

É de lamentar-se que em um país onde já houve e ainda há tantos talentosos escritores, os leitores interessados em tais

obras sejam tão escassos.

É lamentável. Lamentável ao extremo.

Uma Vitória da Literatura Brasileira

Para Gabriel Barros
Neres



No artigo da semana passada, comentei que há certa dificuldade (ou mesmo desinteresse) na divulgação dos livros e dos autores brasileiros entre as novas gerações de leitores. É realmente lamentável que alguns talentosos escritores continuem praticamente desconhecidos diante de uma multidão de jovens leitores que preferem mergulhar nas águas da literatura estrangeira sem preocupação em pelo menos conhecerem o que se produz na própria terra.

No entanto, felizmente, há alguns escritores que têm conseguido consolidar seus nomes mesmo diante de tantas adversidades. É o caso do jovem romancista e roteirista Raphael Montes, que vem despontando como um dos bons nomes da ficção nacional.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1990, o escritor vem, desde 2012, publicando livros que mesclam pesquisas, abordagens psicopatológicas, suspense e elementos do que há de melhor da literatura policial. Ele é autor de *Suicidas* (2012), *Dias perfeitos* (2014), *O Vilarejo* (2015), *Bom dia, Verônica* (2016, em parceria com Illana Casoy), *Jantar secreto* (2016) e *Uma mulher no escuro* (2019), além de participar de diversas antologias.

O autor costuma temperar suas obras com enredos bem elaborados com alternâncias de ritmos, nuances e tonalidades ao longo das narrativas, interesse pelos aspectos comportamentais das personagens, suspense e múltiplas camadas de ações investigativas que buscam surpreender o leitor a cada capítulo.

Em seu mais recente romance – *Uma mulher no escuro* (Companhia das Letras, 254 páginas), o jovem escritor leva-nos a acompanhar o dia a dia de Victoria, uma garota que sobreviveu a uma tragédia e passa por tratamento psiquiátrico para tentar levar uma vida menos atribulada.

Visivelmente antissocial, Victoria sente dificuldade de aproximar-se das pessoas e faz questão de levantar barreiras entre si e as demais personagens que se apresentam paulatinamente na história. Como se trata de um romance

policial, as peças essenciais para a resolução do mistério que nubla a vida da protagonista são apresentadas aos poucos... e sempre com o intuito de levar o leitor a tentar desvendar o labiríntico quebra-cabeças que remete a um passado que precisa ser recuperado.

Aos poucos, personagens como Arroz, Georges, Doutor Max, Sofia, delegado Aquino e Emília vão saindo das sombras e passam a descortinar um passado desconhecido por uns e temido por outros. A cada capítulo, as surpresas se multiplicam e as fissuras sociais e comportamentais ganham novas dimensões. Como ocorrem nos espetáculos de prestidigitação, o leitor deve ficar atento para não cair nos truques de ilusionismos propostos pelo autor.

Em sua prosa, Raphael Montes utiliza uma linguagem límpida e crua ao mesmo tempo e, embora alguns pontos do suspense tenham seus desfechos previsíveis, é impossível negar o talento do autor na tessitura do enredo e no encaixe das tramas necessárias para a compressão das peripécias que compõem o intrincado cenário narrativo.

Trata-se de um bom romance policial que prende o leitor e o faz mergulhar no mundo da imaginação, além de possibilitar

o contato com inúmeros pontos obscuros do comportamento humano.

Raphael Montes é um desses talentosos escritores que, a contar pelo ritmo e pela qualidade de suas produções, deixará suas marcas na história de nossa literatura.

Sobre microcontos

Para Marcos Fábio
Belo Matos



Sempre me vi atraído pela ideia de poder narrar algo utilizando o menor número possível de palavras. Acho interessante quem tem poder de síntese e tece todas as suas observações em poucos comentários. Claro que em casos assim o texto acaba exigindo um pouco mais do leitor, que tem que ficar atento ao necessário preenchimento dos vazios intencionais deixados pelo autor.

Gosto muito de ler os textos de autores como Dalton Trevisan, Marcos Fábio Belo Matos, Rinaldo de Fernandes, Augusto Monterroso e de outros tantos escritores que trabalham seus contos até que reste apenas o essencial. É sempre um desafio ler o que para muitos nem mesmo foi escrito.

Em um microconto, o autor tem a obrigação de fazer o leitor, mais do que nunca, tornar-se um coautor, completando os espaços e transformando silêncios em falas. Mas as palavras estão sempre ali, embora algumas não estejam escritas e permaneçam em estado de dicionário, como certa vez ensinou

o mestre Carlos Drummond de Andrade.

Talvez por haver sempre alimentado o prazer de ler sonetos, haikai, mini e microcontos, acabei enveredando também em muitas tentativas de produzir algo assim, como pode ser visto nos livros *50 Pequenas Traições* e em outros trabalhos esparsos que vez ou outra apresento aos meus poucos leitores.

Pretendo então, até a primeira quinzena de fevereiro próximo, disponibilizar – de forma gratuita como sempre faço – um e-book (ainda sem título definido) contendo 100 (cem) microcontos sobre temas variáveis. Serão metade de textos antigos e os outros tantos inéditos. Para quem aprecia esse gênero às vezes tão contestado e pouco valorizado, deixo aqui cinco dos textos até agora não publicados que comporão o volume.

Assim como ocorre no livrinho *Em família* (disponível na internet), são textos sobre pessoas anônimas e estereotipadas e que podem estar em qualquer lugar. Até mesmo ao lado de cada um de nós.

Boa leitura.

REFORMA

Hora de reformar a casa. De jogar fora as velharias. Livrou-se dos livros. Da estante. Do sofá. Das cadeiras. Olhou para o lado: pai, 93 anos; mãe, 87... A reforma teria que ser completa.

PLANOS

Ela fez o que pôde para ser minha namorada. Lutou para tornar-se minha esposa. Agora, suponho, planeja ser minha viúva.

SEGREDOS

Madrugada. Exumou o cadáver da esposa. Tentava encontrar os segredos que ela jurou levar para o túmulo.

CONVERSA

Papai me chamou para uma conversa. Disse que queria um papo de homem para homem. Não irei. Não confio nele tanto assim.

DECLARAÇÕES

Tudo terminou naquela noite em que decidi declarar-lhe toda a minha paixão. E ela, em troca, me declarou toda a sua pobreza.

Uma série de séries

Para
Mauro César Vieira Borges



Gosto é algo que ninguém consegue compreender. Cada pessoa tem suas preferências e isso deveria ser respeitado pelos outros. Claro, se não contrariar os ditames legais e não prejudicar os demais indivíduos da comunidade. Contudo, não é isso o que acontece no dia a dia. O que se vê em uma rápida passagem de olhos nas redes sociais é uma pessoa, que geralmente se julga superior às outras tentando impor seus gostos, suas vontades e até mesmo sua visão de mundo.

Mas nem mesmo se precisa recorrer ao subterfúgio das redes para entrar em contato com essa eterna disputa de forças. Basta passar alguns minutos em uma praça, supermercado, loja ou até mesmo em família para perceber que o gosto individual pode se transformar em motivo de conflito coletivo. Um simples “meu filme/livro/cantor/esporte... preferido é ...” para acender a chama da discórdia e transformar uma conversa animada em

uma interminável briga.

Digo isso porque quero comentar, em rápidas linhas as dez séries que eu vi e achei mais interessantes. Espero que minha modesta lista não suscite comentários do tipo “mas a série tal é melhor”, “essa aí não está com nada”, “que mal gosto” ou “está faltando a série XYZ”. Trata-se exclusivamente de um olhar pessoal e sem pretensões de um debate acalorado sobre atuações, direção, fotografia, enredo... Os poucos leitores que tiverem contato com este texto têm todo o direito de fazerem suas listas particulares. Isso é bom. Quem sabe eu acabe conhecendo algo novo ou vendo com outro olhar algo a que já assisti e não dei tanta importância.

Bem, vamos à minha lista. Mas antes advirto que não sou daquelas pessoas que terminam uma série de 30 episódios em um final de semana. Também não sou daqueles que se lembram de falas inteiras das personagens e conseguem identificar detalhes que passam despercebidos à maioria do público. Sou do tipo que assiste para se divertir, mas que às vezes se encanta com atuações e roteiros e fica fã de determinado ator ou atriz.

Uma das séries que me impressionou muito, tanto pelo visual quanto pela narrativa foi **Roma**, que foi produzida entre

2005 e 2007. Comprei as duas caixas de DVDs e acompanhei a vida e as picuinhas políticas em uma Roma que vivia os momentos de transição entre a república e o império. Voreno e Tito Pulo, os dois soldados que servem como fio de ligação para os acontecimentos históricos que se entrecruzam com a ficção forma muito bem interpretados por Kevin McKidd e Ray Stevenson, respectivamente, fazendo com que nos sintamos como parte integrante da história. A série tem a vantagem ainda de ser curta. Duas temporadas foram o suficiente para ensinar e divertir ao mesmo tempo.

Embora ainda seja mais fã do filme protagonizado por Kirk Douglas em 1960, a série ***Spartacus*** é outra que me prendeu em seus inúmeros fios narrativos. As cenas de ação foram muito bem coreografadas e mesmo a substituição do ator principal (que faleceu) não comprometeu o andamento da trama. Ainda por cima a série conta com as boas atuações de Manu Bennet e de Lucy Lawless, a eterna guerreira Xena, que interpreta Lucretia na trama.

As primeiras temporadas de ***Dexter*** também me deixaram bastante impressionado. O lado sádico e frio do protagonista, mesclando investigação com momentos de muita tensão,

sangue, violência diante do olhar impassível do protagonista rendeu bons momentos diante TV. Assisti em DVD e depois rebrisei nessa onda de streamings.

La Casa de Papel (1ª e 2ª temporadas) também prendeu minha atenção. Sagacidade do professor, a trama bem elaborada e a ganancia (ganância + ansiedade) das personagens levavam os momentos de suspense a um alto nível. Por mim, tudo teria terminado na segunda temporada. Um dia tomarei coragem para ver as demais.

A narrativa enxuta e a bela atuação de Wagner Moura fizeram com que acompanhasse a série **Narcos** com total interesse. Mesmo algumas cenas já fazendo parte do imaginário coletivo, o trabalho artístico dos diretores e dos atores fez com que cada episódio ganhasse uma dimensão que ia além dos fatos narrados em jornais e livros. O Pablo Escobar vivido por Moura é antológico.

O cruzamento temporal de **Dark** é algo que também impressiona e torna cada episódio instigante e propício para esperar o seguinte. A ambientação é extremamente bem trabalhada e nos leva a sentir viva a atmosfera de cada época trabalhada na série. O sombrio tom de mistério deixa a série

empolgante a cada episódio.

Fã dos quadrinhos da Marvel, sempre ficava um pouco decepcionado com os rumos tomados por alguns heróis. Porém, duas séries que se entrecruzam – **Demolidor** e **O Justiceiro** – conseguiram captar muito bem a aura dos amargurados heróis e oferecem bons momentos de ação de uma angústia existencial. O encontro desses dois ícones rende.

Recentemente, fui apresentado à série **Brooklyn Nine Nine**. Gostei desde o início do humor leve e bem elaborado, além da ótima atuação do elenco e das sutilezas ácidas do texto. A série acompanha o dia a dia dos detetives de uma delegacia, mas o enredo foge ao clichê e cada personagem ganha um brilho especial por suas características próprias. Com a vantagem também de cada episódio ser curto e fazer cruzamentos com outros segmentos das artes.

Finalmente, minha série preferida: **Breaking Bad**. Gostei desde as primeiras cenas e não pude deixar de acompanhar os passos daquele professor de química que tem que fazer milagres para sobreviver e acaba entrando no mundo do crime. Praticamente todos os episódios são bons, mas algumas tomadas fogem a qualquer classificação e não apenas ensinam

José Neres

e divertem, mas também podem levar cada um de nós a uma reflexão acerca de tudo o que nos cerca.

Pronto. Citei algumas séries de que gosto. Claro que cada um tem suas preferências. Essas são as minhas. Gosto é gosto. Fazer o quê?

Minha Modesta Lista: Romances

Para José Ewerton Neto



Foi no início dos anos 90 do século passado que comecei a ter um contato mais contínuo com a prosa maranhense. De lá para cá, jamais parei de ler as obras de meus conterrâneos e, sempre que possível, escrever algumas linhas sobre os livros que leio. Não sou e nunca fui partidário da ideia de que tudo o que é produzido por aqui é excelente, mas tenho certeza de que temos uma produção intelectual de altíssimo nível, tanto em prosa quanto em verso.

Acredito que seja importante ler nossos autores, não com uma balança na mão para medir qualidade desse ou daquele, mas para prestigiar quem dedica tanto tempo na tentativa de acrescentar algo a nosso quadro cultural. Confesso que me incomoda bastante ver os lançamentos de livros quase sempre vazios, mesmo que o autor se esforce em divulgar o evento.

Assim também confesso que acho estranho alguém vociferar contra o preço dos livros e abrir-se em sorrisos para o valor do ingresso para um show, às vezes três ou quatro vezes mais alto que o livro, etc, etc, etc.

Como me habituei a ler obras de nossos autores locais, antigo ou de agora, decidi fazer a presente lista com 10 romances (de autores maranhenses ou aqui residentes) que mereceriam ser mais lidos, dada a sua qualidade técnica, temática ou mesmo por uma boa ideia que foi levada para o papel e oferece bons momentos de entretenimento ou de reflexão.

Trata-se de uma lista pessoal, com base em um gosto próprio que nem sempre será o mais abalizado quando se trata de comentar textos literários de qualquer esfera. Contudo esta primeira listagem também está repleta do desejo de que alguém se interesse por algum dos romances citados, nem que seja para contestar. *Alea jacta est.*

1 – ***TEIAS DO TEMPO*** (de Conceição Neves Aboud) – Trata-se de um livro extremamente bem escrito e que faz o leitor sentir empatia pelas personagens, ao mesmo tempo em que mostra que todos nós podemos guardar alguns segredos que nem sempre precisam vir à tona. Mesmo sem precisar sair de

sua casa, a protagonista do livro – Miss Maude – tem um domínio sobre tudo o que ocorre na cidade e tem sempre uma palavra de conforto para os sofrimentos alheios, embora seu coração esteja mergulhado em uma dor profunda.

2 – ***A ÂNSIA DO PRAZER*** (de José Ewerton Neto) –

Um romance (ou novela) que mescla mistério, aventura, sensualidade e comicidade em páginas bem trabalhadas. As aventuras se multiplicam as personagens são capazes de fazer tudo para ficarem com seu objeto de desejo. O narrador do livro é um caso à parte. Trata-se de um dos mais criativos livros de José Ewerton Neto. Impossível ler esse livro sem sorrir de vez em quando.

3 – ***UM DESTINO PROVISÓRIO*** (de Lucy Teixeira) –

Imagine que, após ser violentada, uma garota não mais fala. Esse é o enredo desse livro extremamente forte e que incita à leitura. As tramas do livro se multiplicam em busca de um desfecho capaz de fazer alguém ler o livro do começo ao fim sem parar.

4 – ***O OUTRO CAMINHO*** (de João Mohana) –

Difícil dizer qual dos dois romances de João Mohana é o mais envolvente. Opto por “*O Outro Caminho*” pela apurada técnica narrativa na qual nas primeiras páginas o leitor já sabe o final do livro,

mas fica preso, para poder descobrir os eventos que levaram ao desfecho. O jogo de narradores da obra também é muito bem construído.

5 – **A VEZ DA CAÇA** (De Waldemiro Viana) – Menos conhecido do que os excelentes “*Graúna em Roça de Arroz*” e “*A Tara e a Toga*”, nesse livro, escrito no estilo de um thriller no qual o leitor não pode nem pensar em cochilar, para não ser enganado por uma narrativa célere e envolvente, cercada de mistérios e de reviravoltas.

6 – **ARACELLY, MEU AMOR** (de José Louzeiro) – Impossível ler esse livro sem ser tomado por um sentimento de revolta e de impotência diante dos acontecimentos que ceifaram a vida de uma garota que acabou transformando-se em um símbolo de combate ao abuso sexual de crianças e adolescentes. Inspirado em um caso verídico, esse romance demonstra muito bem o talento de José Louzeiro.

7 – **O ARQUIVISTA ACIDENTAL** (de Antônio Guimarães de Oliveira) – Talvez o fato de haver se dedicado nos últimos anos à produção de um farto e belo material iconográfico sobre o Maranhão tenha feito com que algumas pessoas esquecessem que Antônio Guimarães é também um excelente ficcionista,

capaz de criar uma história em que o Diabo é o causador de inúmeros problemas sociais. Livro com uma temática alegórica e sempre atual.

8 – **O GOSTO AMARGO DA CEREJA** (de Joe Rosa) – Tratar de um tema como a AIDS de um modo capaz de educar e divertir ao mesmo tempo não é uma tarefa fácil, mas é o que consegue fazer o mineiro radicado no Maranhão Joe Rosa, um escritor que sabe dar ao leitor em cada parágrafo uma lição de boa escrita para o leitor. Algumas passagens desse livro são antológicas e merecem ser lidas várias vezes.

9 – **O MONSTRO SOUZA** (de Bruno Azevêdo) – Esse inusitado relato da transformação de um cachorro-quente, que, abandonado, torna-se um prostituto é capaz de fazer qualquer leitor arregalar os olhos, não apenas pela narrativa muito bem engendrada como também pelo cuidadoso trabalho gráfico do livro. O sempre talentoso Bruno Azevêdo conseguiu uma ótima interação com os desenhos de Gabriel Girnos e dessa fusão nasceu essa bem-humorada história.

10 – **COMPASSO BINÁRIO** (de Arlete Nogueira da Cruz) – Muito menos comentado e citado do que “*A Parede*”, o romance “*Compasso Binário*” traz a leveza e a crueldade da vida,

que se encontram em uma narrativa fluida na qual fica clara a certeza de que toda uma vida pode ser alterada em questão de momentos. Difícil não se emocionar com a reviravolta na vida da protagonista.

Pronto! Lista feita sem a necessidade de antecipar o enredo (ou seja, sem o famoso spoiler). Semana próxima, teremos outra lista com os dez _____ (adivinhem!) que li e recomendo.

Minha Modesta Lista: Poemas

Para
Alexandre Maia Lago



Semana passada, neste mesmo espaço, listei dez romances que considero bastante interessantes. As sugestões de hoje são de poemas maranhenses

um pouco mais extensos e que, em algum momento da vida eu li e que ficaram marcados em minha memória de leitor de Poesia. Alguns são livros constantemente reeditados, mas outros já podem ser considerados raridades bibliográficas.

Da mesma forma que fiz na última semana, advirto aos possíveis leitores que cada um dos títulos faz parte de uma escolha pessoal e que não traz uma ideia de ranking. Para mim, o importante é sugerir leituras, a fim de que todos possam atravessar esses momentos difíceis.

As obras são de autores maranhenses. Uma forma de valorizar a arte e a cultura de minha terra. Quem sabe um dia

faço uma lista com obras nacionais e/ou universais?

Vamos à listinha:

1 – **POEMA SUJO** (de Ferreira Gullar) – Li o Poema Sujo ainda na juventude, quando eu mal sabia quem era Ferreira Gullar. Confesso que me encantei com aquela forma de escrever e de colocar no papel sentimentos tão díspares que misturam reminiscências e posicionamento político de modo lírico e às vezes controverso. Uma leitura que sempre merece se transformar em releituras.

2 – **JUREMA E O CAJUEIRO** (de Carvalho Guimarães) – Um poema escrito em Passagem Franca, no ano de 1908, mas que ainda pode ser lido com grande prazer. Nesse livro, o poeta narra em versos a paixão de duas árvores que vivem uma ao lado da outra, mas que são separadas pela impossibilidade de um encontro. Um tipo de poema em que o lirismo não pode se confundir com pieguice. Um pequeno livro com um grande poema.

3 – **OS CALHAMBOLAS** (de Celso Magalhães) – A temática na escravidão deve sempre ser revisitada como uma forma de trazer à tona esse vil modo de tratar o ser humano. Celso Magalhães, nesse belo poema, reconstrói uma época, seus valores e mostra o sofrimento de pessoas que foram perseguidas, violentadas e humilhadas pelo simples fato de terem nascidas negras.

4 – **I-JUCA PIRAMA** (de Gonçalves Dias) – Esta pequena epopeia de Gonçalves Dias pode ser colocada entre os melhores textos da Língua Portuguesa. O jogo de sons e a forma de contar a história do jovem indígena que chorou ao lembrar-se do pai cego e faminto deixado no meio da floresta encanta desde o Romantismo até os dias atuais. Um poema para ser lido em voz alta, para sentir o ritmo frenético de cada episódio.

5 – **LITANIA DA VELHA** (de Arlete Nogueira da Cruz) – A sensibilidade poética da escritora Arlete Nogueira faz com que algo tão comum e que pode ser visto no dia a dia se tornasse uma obra de arte única. A simbiose entre a velha mendiga e a cidade ao longo do texto impressiona e faz com que o leitor

se identifique com cada uma das passagens desse belo poema que também pode ser degustado em forma de curta-metragem.

6 – **CANTO TELÚRICO PARA SÃO LUÍS** (de Luiz Alfredo Netto Guterres) – Livro atualmente pouco lido e bastante raro, mas que traz uma bela e intensa declaração de amor à cidade de São Luís. Essa pode ser lida durante um passeio pela cidade. Em cada verso, o autor traduz sua paixão pela terra e busca nas palavras um alento contra a inevitável passagem do tempo, que a tudo transforma.

7 – **ÉGUAS** (de Dyl Pires) – Um dos mais belo livros do ator e poeta Dyl Pires, *Éguas* é daquele tipo de poema que faz o leitor/ouvinte perder o fôlego e ao mesmo tempo sentir o desejo de respirar fundo a fim de não se perder na sequência de imagens poéticas que são arrancadas das entranhas da memória e que podem ser solidificadas em todos os sentidos de quem se dispuser a ler ou ouvir esses versos de força e profundidade.

8 – **SOLAU – JOVINO, O SENHOR DE ESCRAVOS** (de Trajano Galvão) – O doentio desejo carnal de um fazendeiro

por uma de suas jovens e belas escravas é o mote desse poema articulado de forma bastante teatral e que descreve o que ocorria nas fazendas algodoeiras nos tempos da escravidão no Brasil. Violência, abuso de poder e vingança são algumas das temáticas que tornam o poema ainda mais interessante.

9 – **MARÉMEMÓRIA** (de José Chagas) – O ritmo, a melodia e a carga social desse poema encantam desde os primeiros versos. Nessa obra-prima, José Chagas chama a atenção para as condições precárias do povo e, fiel a seu estilo no qual o ritmo acaba fazendo parte da própria temática, faz um verdadeiro libelo contra as desigualdades. Livro espetacular, mas infelizmente fora de edição. Quem tem é um felizardo.

10 – **O HOMEM EM PELE E OSSO** (de Bandeira Tribuzi) – Poema de grande carga poética e filosófica. Nesse texto, Tribuzi dá uma verdadeira aula de como o ser humano deve preocupar-se com a essência, com o durável, mas sem deixar de viver o tempo presente. Um poema instigante e que estimula bons momentos de reflexão.

Pronto. Aqui está minha lista de poemas mais ou menos longos. Há quem sinta preguiça de ler textos assim. Mas fazer o quê? Apenas lamentar por quem perde as oportunidades de aproveitar o contato com essas belas obras da arte literária.

Cinco obras que adorei ler recentemente

Para
Nonata
Pontes



A leitura é vista por alguns como um ato solitário. Geralmente, quem não é muito afeito à leitura imagina que ela se constitui de um monólogo no qual o autor, quase sempre alguém já falecido, derrama suas ideias nos olhos e na mente de um receptor passivo que aceita tudo, depois fecha o livro e vai viver sua vida como se nada houvesse acontecido. Mas não é bem assim...

Ler não é um ato monológico, e sim um diálogo constante entre o pensamento/conhecimento do leitor e as ideias dos autores lidos. Um livro não é um objeto morto, mas sim um elemento pulsante que se adapta às situações e às diferentes épocas que podem separar (ou unir) gerações por meio de palavras, frases, versos, estrofes ou parágrafos.

É muito difícil alguém sair de uma leitura – por mais

superficial que ela aparente ser – da mesma forma que entrou. Algum conhecimento acaba ficando tatuado no âmago do leitor, modificando, de alguma forma, o modo como ele interage com o mundo, com as pessoas ou até consigo próprio.

Mesmo que praticamente ninguém queira saber, passo agora a fazer breves comentários sobre cinco livros que li recentemente e os quais recomendo para todos leitores, sejam eles considerados iniciantes, médios ou avançados. Os livros não costumam fazer essa distinção e se abrem democraticamente a todos os que os procuram, embora não se possa negar que seja necessário um investimento pecuniário ou pelo menos em forma de disposição e tempo para que essa ação se realize.

Livro 1 – ***AS MULHERES DO BRASIL – A HISTÓRIA NÃO CONTADA***, de Paulo Rezzutti (Editora Leya, 2018, 315 páginas) – Trata-se de uma longa, exaustiva e bem elaborada pesquisa sobre a participação das mulheres na história do Brasil. O autor traça o perfil de diversas personalidades femininas (algumas quase desconhecidas do grande público) e demonstra como houve um apagamento de algumas ações de nossa história em prol de um protagonismo masculino. A leitura é agradável

e prende a atenção de qualquer pessoa que se interesse pelo tema, ou mesmo de quem apresente interesses apenas pontuais por uma ou outra das mulheres estudadas.

Livro 2 – **TESTEMUNHA OCULAR: O USO DE IMAGENS COMO EVIDÊNCIA HISTÓRICA**, de Peter Burke (Editora Unesp, 2017, 308 páginas). Embora seja uma obra de cunho teórico que apresenta foco de interesse aparentemente delimitado especificamente a pesquisadores, a escrita de Peter Burke é fluida e atraente, além de dialogar com variados campos do saber, como Psicanálise, Antropologia, Artes Visuais, Cinema e muitos outros conhecimentos. A leitura exige bastante atenção, mas o texto elegante e as ilustrações transformam o contato com esse livro em uma bela experiência capaz de alterar radicalmente a forma de o leitor se relacionar com as imagens que sempre o cercaram e muitas vezes passaram despercebidas.

Livro 3 – **AS VERDADES QUE ELA NÃO DIZ**, de Marcelo Rubem Paiva (Editora Foz, 2012, 191 páginas). Dono de um estilo bastante leve e claro, Marcelo Rubens Paiva aproveita

suas crônicas para discutir de modo bem humorado, e até certo ponto cáustico, as relações familiares e as diversas fraturas sociais que podem advir de um convívio com alguém com quem convivemos, mas a quem nem sempre conhecemos de verdade. Cada texto pode ser lido em um fôlego e nos levam a perceber o que se esconde por trás das palavras ditas e até das que nunca são verbalmente expostas durante um diálogo.

Livro 4 – ***A ERA DOS EXTREMOS: O BREVE SÉCULO XX*** (1914-1991), de Eric Hobsbawn (Companhia das Letras, 1995, 598 páginas). Apesar de ser uma obra bastante volumosa e que assusta pela profundidade das análises, trata-se de um livro essencial para quem pretende compreender um pouco mais o nosso momento histórico contemporâneo. O livro, apesar de poder ser lido de modo isolado, acaba convidando para um contato com outras obras do autor. A riqueza de informações pede uma leitura mais tranquila e preocupadas com os detalhes históricos que se encaixam como se formassem um grande quebra-cabeças.

Livro 5 - ***A SOCIEDADE DOS RISCOS: RUMO A UMA OUTRA MODERNIDADE***, de Ulrich Beck, (Editora 34, 2019, 383 páginas). Outro livro que exige uma leitura bastante atenta, mas no qual o leitor acaba recompensado pela fluidez do raciocínio do autor e seus mergulhos em exemplos que acabam clareando sua tese principal: vivemos em constantes riscos e eles não são aleatórios, muito pelo contrário, parecem ser orquestrados para terem um determinado efeito dentro de um sistema. Esse livro de Beck é um dos pilares de sustentação do pensamento contemporâneo.

Pronto. Acima estão cinco sugestões de leitura para quem deseja iniciar um ano acompanhado pelas páginas de um belo livro.

A beleza poética de Bruna Lombardi

Para Mhario Lincoln



Muitas pessoas se comprazem em viver colando etiquetas de identificação nas outras. Quase sempre, alimentam-se da certeza de que apenas uma etiqueta é suficiente para definir alguém. Dessa forma, um professor deve ser sempre um professor, um atleta nunca pode ir além do esporte, um engenheiro deve passar a vida mergulhado em seus projetos, uma atriz terá que representar, representar e representar... E assim por diante.

No entanto, a vida real não é assim. O mundo não veio em ordem alfabética, como certa vez disse o poeta Manoel de Barros, e as complexidades da vida não se eximem das inúmeras pequenas facilidades e dificuldades que as compõem. Uma, duas, três, dez ou cem tabuletas, adesivos ou etiquetas nunca serão suficientes para definir ou limitar talentos e habilidades

humanas.

Geralmente, essas pessoas que gostam de colar etiquetas se assustam quando descobrem que cada ser humano pode ser visto como um infinito palimpsesto, com inúmeras camadas que escondem formas, traços, cores e reflexos que, embora invisíveis aos olhos, não deixam de existir e ficam à espera de quem possa escavar e descobrir valores que sempre estiveram ali, mas que por serem ignorados por uma parcela da população, tomam a aparência de novidade.

É mais ou menos isso o que ocorre quando algumas pessoas descobrem que Bruna Lombardi, conhecida e reconhecida como uma das mais belas e talentosas atrizes brasileiras de todos os tempos, é também uma escritora com diversos livros publicados e que suas lides com as palavras escritas precedem cronologicamente suas performances nos palcos e nas telas.

Bruna Lombardi é autora de três livros de poemas: “*No ritmo dessa festa*” (1976), “*Gaia*” (1980) e “*O perigo do dragão*” (1984); dois romances: “*Filmes proibidos*” (1990) e “*Meu ódio será tua herança*” (2004); e do livro infantil “*Apenas bons amigos*” (1987), além de livros em outros gêneros.

Mas quem se acostumou a distribuir etiquetas em uma lógica biunívoca costuma duvidar da competência de quem ousa fugir a esses padrões impostos. Torna-se, então, até certo ponto comum encontrar quem duvide da possibilidade de alguém desenvolver múltiplos talentos e de destacar-se em várias áreas do conhecimento. Surge então uma incômoda pergunta: Bruna Lombardi é uma boa escritora?

Apenas um sim ou não como resposta seria algo simplório e sem sentido. Não se pode avaliar o talento de alguém apenas por seu nome, por sua beleza física ou por sua condição social. No caso da literatura, é preciso ler e esmiuçar os textos, observar o uso que o escritor faz das palavras, seu poder de sugerir metaforizações e de alterar o eixo das significações.

O que se percebe ao ler os três títulos de poesia de Bruna Lombardi é que, sem se preocupar com as limitações impostas pelas regularidades métricas e pela busca de rimas esdrúxulas (embora estas apareçam vez ou outra nos poemas, mas quase sempre quando são extremamente necessárias), ela optou desde o princípio por valorizar o ritmo e de imprimir em cada poema suas digitais em forma de imagens poéticas que encantam e desconcertam ao mesmo tempo.

Utilizando habilmente uma mescla de sensualidade, ousadia, recato e lucidez no uso das palavras, ela constrói uma imagem que aguça os sentidos com relação ao corpo feminino, porém sem vulgarizá-lo, conforme ocorre em:

Uma mulher caminha nua pelo quarto
é lenta como a luz daquela estrela
é tão secreta uma mulher que ao vê-la
nua no quarto pouco se sabe dela
(...)
o homem que descobre uma mulher
será sempre o primeiro a ver a aurora (p. 280).

A frequente aposta em temas extraídos do cotidiano aproxima os textos do leitor que busca um livro com o objetivo de encontrar em suas páginas um reflexo da vida viva e verdadeira que nos rodeia e nos espreita a cada esquina. Em tom quase coloquial, a escritora consegue “desenhar” alguns painéis que oscilam entre o lirismo e o social, com a recorrência de elementos verbais que fazem parte do dia a dia das pessoas que transitam por cenários carregados de simplicidade e de vida, como é o caso do poema “*Sábado*”, transcrito a seguir:

Eu te trouxe lá da feira
uma cabaça, uma panela
e uma macaxeira
um apito de saíra
e aquele capim que cheira

vim andando pela estrada
que era só sol e poeira

trazendo pimenta da quente
esse colar de semente
e saudade da tua esteira (p. 171).

Nas quase quatro centenas de páginas da “*Poesia Reunida*” de Bruna Lombardi (2017, Editora Arqueiro) há espaço para temas que vão da crítica social aos limites da sensualidade e do erotismo sem apelos para as futilidades verbais. Os poemas podem ser lidos em qualquer sequência, mas, quando apreciados na ordem de publicação dos livros, deixam perceber um certo apuro vocabular que torna alguns poemas mais vívidos, porém sem desmerecer os demais.

Conclusão: Bruna Lombardi é extremamente competente em sua tessitura poética e consegue trabalhar questões até certo ponto polêmicas com maestria e com a sabedoria de quem sabe

que as palavras podem ter vida própria e que é preciso muito cuidado ao tentar domá-las. Sua poesia é límpida e faz bem aos olhos e aos ouvidos.

Para satisfazer a quem gosta de colar etiquetas nas pessoas, no caso de Bruna Lombardi, e de tantas outras pessoas, bastaria colocar apenas uma com os seguintes e sintéticos dizeres: “Extremamente talentosa”.

As Infinitudes do olhar em Airton Souza

Para
Airton Souza



Tenho como hábito antigo, ao receber um livro de presente, lê-lo o mais rápido possível e, caso tenha sido ofertado pelo próprio autor, encontrar algum modo de agradecer-lhe pela gentileza e também comentar algo sobre minha leitura. Claro que as inúmeras tarefas do dia a dia nem sempre me deixam seguir essa sistemática, mas pelo menos tento.

Quase no final do mês de março de 2020, quando a Pandemia começava a fazer parte da realidade e dos pesadelos das pessoas em todo o mundo, o escritor Airton Souza, em um gesto de grande sentimento de humanidade, divulgou em sua conta no Facebook, que estava disponibilizando alguns de seus livros em PDF, para que as pessoas tivessem um pouco mais de distração durante o período de um isolamento que já se anunciava nas entrelinhas das notícias e dos pronunciamentos

oficiais e oficiosos.

Sou partidário da tese de que livro não se recusa. Como o escritor dizia que bastava deixar um endereço de e-mail que ele se encarregaria de enviar o material, fiz o que foi recomendado. Horas depois, na checagem cotidiana que faço de minhas mensagens, deparei-me com uma amável mensagem e três livros anexados.

Não conheço Airton Souza pessoalmente, apenas das infinitas trilhas das redes sociais que frequentamos. Mas quem disse que precisamos de um aperto de mão físico para admirar alguém ou para sentir-se amigo de uma pessoa que resolveu doar parte de sua arte e de seu esforço para fazer o bem para pessoas que talvez nunca estarão diante de seu olhar?

Era um final de tarde. Baixei os arquivos e comecei a ler os poemas desse jovem e talentoso escritor. Já conhecia alguns textos pela internet, mas ler o livro na íntegra sempre tem um sabor especial. Não foi difícil perceber as razões pelas quais Airton Souza é um dos mais premiados escritores da contemporaneidade. Seus versos trazem a força típica de quem associa um talento natural com muitas leituras e incessante trabalho de buscar a melhor solução possível para as ideias

que precisam transformar-se em palavras escritas.

Li o “*Pragmatismo das Flores*” e “*O Tumulto das Flores*” com toda a atenção, assinalando alguns pontos que achei muito bem construídos e dignos de uma releitura mais atenta. Finalmente cliquei no outro arquivo. E ali se abriu diante de meus olhos uma das mais espetaculares obras voltadas para o público infanto-juvenil que li nos últimos anos – “*O Infinito Inteiro Dentro de seus Olhos*” – com textos de Airton Souza emoldurados por traços, cores e sensibilidade artística de Flor di Maria Fontelles.

O livro é recente – foi publicado em 2019 –, conta com menos de duas dezenas de páginas, mas o suficiente para poder ser visto como um grande livro que pode atravessar as barreiras impostas pelas datações temporais.

A suavidade e a leveza com que a história é narrada fazem com que aquela formiguinha, que traz em sua trajetória uma interessante metaforização da família, dos obstáculos cotidianos e da própria condição de ser humano, ganhe a dimensão dos dramas universais que atravessa o ser humano desde tempos imemoriais. A presença/ausência da mãe serve como motor para a sequência da história e para despertar sentimentos que podem até estar adormecidos em algumas pessoas, mas que se

levantam com uma força avassaladora assim que se começa a mergulhar nas páginas do livro.

De repente, após uma decisão que pode não ser a mais acertada, toda uma paisagem que estava nítida dentro dos olhos pode ser embaçada ou até mesmo apagada para sempre. Trata-se de um livro para crianças de todas as idades, pois o texto pode ser lido em palimpsesto, com cada camada servindo para alertar uma determinada faixa etária de seres que têm que conviver com suas escolhas.

Nas páginas desse livro, a vida e a morte caminham lado a lado rumo a um desconhecido que pode ter as dimensões de uma gota de chuva, mas que, dependendo da escala adotada, pode ser ínfimo para uns e continental para outros. De qualquer modo, os desafios que rondam nossa vida sempre podem contar alguma oportunidade de aprendizagem, de esperança ou mesmo de um fim.

Utilizando parte de sua sensibilidade poética, Airton Souza seguiu a lição do poeta Manoel de Barros, que dizia sentir prazer em fazer o desprezível ser prezado, deixa em suas páginas lições de vida e de saudades.

Uma singela história de uma formiguinha que espera sua

mãe, em meio à turbulência da busca de novas experiências pode ensinar a mostrar caminhos para quem pensa que nossa jornada tem início e meio, mas nunca terá fim.

“*O Infinito Inteiro Dentro de seus Olhos*” é um livro carregado de lições. E mereceu todos os prêmios e honrarias que lhe foram concedidos. Vale a pena ler essas páginas e ser carregado nessa enxurrada de emoções.

Alfredo Bosi: Um adeus!

Para
Ruy Pontes



7 de abril de 2021. Alguém acessa algum portal da internet e lá está em letras garrafais: “Morre de Covid-19 o imortal da ABL Alfredo Bosi”. Em outra página a notícia é replicada com outro título: “Morre o crítico literário Alfredo Bosi”. Imediatamente essas (e outras) páginas virtuais são compartilhadas em grupos de aplicativos de comunicação instantânea. Minutos depois, essa mesma notícia ocupa alguns segundos dos noticiários televisivos e algumas emissoras de rádio tecem alguns comentários sobre aquele homem de 84 anos que não resistiu às complicações causadas pelo vírus Covid-19.

Muitas pessoas viram essa informação como apenas mais um dado estatístico, somente mais uma pessoa a alimentar essas cruéis estatísticas sobre a Pandemia. Mas para os amantes e para os profissionais das letras tal notícia tem uma significação

mais que especial. O Brasil acaba de perder um de seus mais importantes intelectuais, um dos mais influentes homens de letras das décadas finais do século XX e das duas primeiras do século XXI.

Professor, crítico literário, membro da Academia Brasileira de Letras e de outras muitas instituições culturais e um dos mais respeitados historiadores da Literatura Brasileira, o nome de Alfredo Bosi (1936-2021) é um dos raros casos de unanimidade positiva quando se trata de reconhecimento de um talento nato para a escrita e para a análise do comportamento histórico-social-cultural de um país que quase nunca valoriza seus intelectuais.

Será raro encontrar um profissional de Letras formado nas últimas cinco décadas que não tenha muito a agradecer pelos ensinamentos que Alfredo Bosi transmitia não apenas em suas aulas na USP e em suas palestras, mas, principalmente nas inúmeras páginas de seus livros e estudos acerca de autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge de Lima, Lygia Fagundes Telles, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Pirandello e Leopardi, entre outros. Alguns livros seus, como *História concisa da literatura brasileira*, *O ser e o tempo*

na poesia, *Dialética da colonização* e *Literatura e resistência* são essenciais para a compreensão dos diversos momentos da formação e do desenvolvimento intelectual do Brasil.

Bosi também se tornou uma referência mundial nos estudos sobre a produção literária de Machado de Assis, um dos autores de sua predileção. Ele foi um dos responsáveis por jogar novos olhares sobre a obra do autor de *Dom Casmurro*. A partir de leituras como *Machado de Assis: o enigma do olhar* e *Brás Cubas em três versões*, é possível estabelecer um contato mais sólido com a obra desse instigante autor brasileiro e dirimir algumas dúvidas que atravessaram décadas incomodando os críticos.

Em uma de suas produções mais recentes – *Entre a Literatura e a História*, principalmente nas sessões dedicadas à reprodução de algumas de suas entrevistas, é possível o leitor conhecer um pouco mais da sólida formação acadêmica de um homem que dedicou quase toda a sua vida às artes de ensinar, de escrever e de interpretar textos dos grandes vultos de nossa história literária.

07 de abril de 2021. O Brasil se despediu de um de seus inigualáveis homens de letras. Para alguns, será apenas mais um nome e um número em uma planilha de estatística, mas para

quem valoriza as artes, trata-se de uma data que deixará uma grande lacuna na vida da inteligência Brasileira.

Resta, então, agradecer ao professor Alfredo Bosi por tudo o que ele fez por nossa cultura e desejar-lhe um bom repouso eterno. Seu nome já estava e continuará escrito nas melhores páginas de nossa vida cultural. Seu legado é eterno.

Uma trilha sonora do amor

para
Clayber rocha



Não lembro se isso aconteceu sábado (todo sábado era assim), ou em um dia de domingo. Mas sei que foi em um dia em que a terra parou.

Ele estava lá. Era a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores, o mesmo jardim. Tudo estava igual e ele estava triste. “Tudo está no seu lugar, graças a Deus” – pensou. Um carro vermelho passou a cento e vinte por hora, e uma Brasília amarela estacionou.

Ela parece que estava à toa na vida, chegou em frente ao portão. Não entrou. Aquela rua não é mais a mesma rua... A placa indicava: “Vende-se esta casa ao primeiro que chegar”.

Ele não a conhecia. Mas não pôde deixar de admirá-la. Seu pensamento começou a voar, voar, subir, subir: “Que coisa mais linda, mais cheia de graça”. Tinha que falar com ela.

- Olá, como vai?

- Vou indo. E você? Tudo bem?

- Dona, desculpe, mas, você é linda, mais que demais. Você é meiga demais. Por você sou capaz de roubar até a lua.

Ela sorriu

- Sou apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco. Mas não sou vagabundo, não sou delinquente, sou um cara carente. Sou uma espécie de gavião vadio sob o sol.

- Confesso que ainda sou uma garotinha. Você é bonito. É um negão de tirar o chapéu, mas não vou dar mole, senão... E você deve ter mulheres de todas as cores, de várias idades, de muitos amores... Ainda lembra sua primeira namorada? Já que a primeira namorada é difícil de esquecer...

- A primeira foi Iracema, mas ela morreu atropelada, dela não sobrou nem mesmo um retrato.

- E as outras?

- Teve a Jeniffer, que eu encontrei ela no Tinder, mas não durou muito. De Conceição eu me lembro muito bem. A Amélia, que se considerava uma mulher de verdade. A Madalena, que acreditava que o mar é uma gota comparado aos prantos seus. Lembro da Jéssica, que se achava a coisa mais linda que Deus soube fazer. A Eva, que desapareceu, até parece que fugiu numa

última astronave. Uma cigana muito bonita de cabelos muito negros chamada Sandra Rosa Madalena. A Ana Júlia, que hoje trabalha como secretária na beira do cais. E a Leydiane, que jurou que ia me amar de janeiro a janeiro, até o mundo acabar, mas me traiu e foi viver em um cabaré. A todas amei como se não houvesse amanhã. Mas descobri que o pra sempre sempre acaba. Eu não sou cachorro não. Acho que sou inútil, mas espero o segundo sol chegar, para realinhar as órbitas do planeta.

- Hummm!!! Mulher nova, bonita e carinhosa, faz o homem gemer sem sentir dor. Eu gosto de ser mulher.

- Qual seu nome?

- Beth

- E você? Pode falar de seus amores”

- Não foram tantos assim. Teve o meu amigo Pedro, que acabou provando que tudo acaba como começou. O inseguro José, que vivia perguntando “e agora?”. Com ele foi rápido, logo a festa acabou, a luz apagou... O Manuel foi pro céu, ele era um moreno alto, bonito e sensual... Gostava muito dele. Acabei procurando auxílio profissional. Aí um analista amigo meu disse que desse jeito não vou ser feliz direito. Deixou claro que tudo passa, tudo passará. Solitária, pensei até em rifar meu coração,

fazer um leilão, vendê-lo a quem der mais. Acho que sou uma mulher de fases.

Ela começou a chorar. Ele tentou abraçá-la. Mas foi surpreendido com uma frase:

- Tire sua mão de mim, eu não pertencço a você.

- Calma, Beth, Calma.

- Não vou chorar lágrimas de crocodilo. Preciso de uma verdade chinesa

- Linda, só você me fascina, te desejo, muito além do prazer.

- Quero viver seguindo a receita da vida normal... Viver e não ter vergonha de ser feliz. Quero ir para onde Deus possa me ouvir...

- Tu és divina e graciosa, estátua majestosa do amor. Beijame muito, como se fosse essa noite a última vez. Fica comigo esta noite e não te arrependerás.

Ela parou, olhou para ele e disse:

- Uhhhh, eu quero você como eu quero... Você me deixa louca...

(...)

Eu juro por mim mesmo, por Deus, por meu pai, que queria saber como acabou aquela história de amor. Mas, de repente,

o telefone toca, avisando que é chegada a hora de ir. Tenho pressa. Vou de táxi.

Fui embora, caminhando e cantando e seguindo a canção. Torço por aquele rapaz que parece que também amava os Beatles e os Rolling Stones. Ele era um vagabundo como eu, que também merece ser feliz.

Eu e Caxias: Caxias e eu

Para
Carvalho Junior



Sempre tive um enorme carinho pela cidade de Caxias. Mesmo antes de haver posto os pés em seu solo fartamente irrigado com a seiva da história, das artes e de um vasto acervo cultural, eu já me sentia como frequentador de suas inúmeras ruas e ladeiras ou como um morador imaginário da cidade de onde brotaram flores eternas como Gonçalves Dias, Vespasiano Ramos, Deo Silva, Manoel Caetano Bandeira de Melo, Lucy Teixeira, Teófilo Dias, Celso Antônio, Raimundo Teixeira Mendes e Coelho Neto.

Mas creio que foi lá pelos anos de 1993 ou 1994 que me aproximei mais da chamada Princesa do Sertão. O fato foi mais ou menos o seguinte: trabalhava eu no Colégio José Maria do Amaral, quando uma aluna do terceiro ano do ensino médio chamada Renata (não me recordo do sobrenome) se aproximou e perguntou se eu aceitaria receber alguns livros editados na

terra dela. Claro que sim. Continuo acreditando que livro e afeto são sinônimos perfeitos e que é um crime recusar qualquer um dos dois. Perguntei à aquela doce adolescente de onde ela era e a resposta veio de forma suave: de Caxias.

Na semana seguinte, Renata chegou com um pacote de livros. Entregou-me na hora do intervalo. Verifiquei logo que se tratava de um tesouro em forma de presente. Não esperei muito e, no retorno para casa, dentro do ônibus mesmo, comecei a degustar aqueles livros. Foi assim que entrei em contato pela primeira vez com a poesia de Firmino Freitas, Renato Meneses, Fábio Kerouac e alguns outros poetas que se encontravam reunidos naquelas obras.

Em 2001, tive o prazer de ler o *Balaio de Ilusões*, que foi indicado como leitura prévia para o Vestibular, de Quincas Vilaneto e depois escrevi um modesto artigo sobre esse livro. Quincas se tornou então um valioso companheiro para conversas sobre artes e literatura. Li diversos livros desse poeta e sempre o tenho em grande estima e consideração.

Anos depois, fui destacado para ministrar aulas de pós-graduação naquela cidade. Passei diversos finais de semana em Caxias, falando sobre literatura, crítica literária e linguística. Foi

lá, inclusive, que no dia 27 de fevereiro de 2011, pouco antes de iniciar uma aula, fui informado pela internet do falecimento do escritor Moacyr Scliar, um dos valorosos nomes de nossa prosa de ficção.

Sempre fui bem recebido em Caxias, mesmo quando ainda não havia constituído um círculo de amizades com diversos artistas da cidade. Conheci depois, por intermédio do amigo Claunísio Amorim, um jovem poeta que acabara de lançar seu livro de estreia: *Carvalho Junior*¹, rapaz brilhante e entusiasmado com as palavras. Acabei escrevendo prefácios para dois livros desse poeta e me aproximando ainda mais da Cidade e de seu povo. Hoje Carvalho é uma daquelas pessoas que afetuosamente faz parte daquela família que nos damos, como lembrava Drummond.

Com o tempo, conheci também o poeta Wybson Carvalho, um verdadeiro lord no trato com as pessoas, uma figura amável que cativa as pessoas logo nas primeiras palavras e, além de todas essas qualidades humanísticas, é também um poeta de grande fôlego e um grande conhecedor da história de seu povo e das letras maranhenses.

1 O poeta Carvalho Junior foi, infelizmente, uma das vítimas da Covid-19 e nos deixou no último dia de março do ano de 2021. A ele, nossas homenagens.

Tempos depois, em plena Feira do Livro de São Luís, outro caxiense que eu já conhecia a partir de seus livros materializou-se em forma de ser coberto de poesia e de delicadeza. Trata-se do querido e talentoso Salgado Maranhão, um dos nomes mais representativos das letras brasileira na contemporaneidade, a quem não canso de ler e nem de admirar.

Outro caxiense que também sempre ilumina minhas leituras é Wilson Marques, um dos mais expressivos autores da literatura infanto-juvenil e criador de dezenas de narrativas que, além de trazerem entretenimento, também contribuem para a formação de novos leitores em todo o Brasil.

Mais recentemente, também tive a honra de conhecer a escritora Silvana Meneses, autora de poemas minimalistas nos quais ela consegue, em poucos versos, multiplicar as visões que temos do Universo. Silvana é uma daquelas escritoras que encantam desde as primeiras linhas e que deixa no leitor a sensação de que a poesia pode se tornar um linimento para qualquer ferida da alma.

Dezenas de vezes fui até Caxias e sempre fui recebido com muito carinho. Inúmeras vezes Caxias veio até a mim, em forma de música, literatura, estudos, de visita de seus moradores...

José Neres

e sempre foi e será muito bem recebida por esse admirador dessa cidade que emana cultura e alegria.

Infelizmente, creio que nunca mais tenha visto a ex-aluna Renata, mas, silenciosamente, sempre agradei a ela por abrir poeticamente as portas de sua Cidade para mim e para toda a minha família.

Lives, Lives, Lives...

Para
Ildenice Monteiro



Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mudam-se os costumes... “Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia. Tudo passa, tudo sempre passará”...

Os tempos passaram de modo célere nos últimos meses. Deitamo-nos em um momento histórico e despertamos em outro que se assemelha a um filme de ficção científica, no qual todos usam máscaras, os abraços e apertos de mãos tornaram-se fonte constante de perigo e de ameaça à saúde da população... Ainda não sabemos as consequências disso, mas não há dúvida de que os refluxos virão...

Enquanto eles não chegam, vamos, hora a hora, aprendendo a conviver com as novas (a)normalidades que começam a fazer parte de nossa vida.

Uma dessas novidades é a presença das transmissões ao

vivo pela internet, as famosas “lives”. Interessante notar como as percepções se alteram de acordo com as necessidades e com as conveniências prementes: um dia, a grande rede de computadores é acusada de separar as pessoas e de tornar as relações pessoais mais mecânicas e menos afetuosas. Dias depois, ela é vista como a ferramenta ideal para aproximar as pessoas que tiveram de conviver com um isolamento forçados pelas circunstâncias pandêmicas.

De um dia para o outro, em horários estrategicamente determinados, aplicativos e redes sociais tornaram-se grandes janelas de compartilhamento de conhecimento, entretenimento e até mesmo do chamado besteirol. Mas, nessas novas eras, tudo pode ser muito válido. O que é bobagem para uns, pode ser interessantíssimo para outro grupo. Da mesma forma, informações técnicas, científicas e/ou acadêmicas que podem fazer alguns olhos brilharem, podem ser classificados como maçantes para quem apenas deseja “passar o tempo”, sem compromissos formais.

Para tentar amenizar essa situação, algumas pessoas começaram a utilizar plataformas específicas, em cujas salas se reúnem pessoas que têm objetivos e interesses afins. Mas isso

não impediu a grandiosa proliferação de “lives” sobre todos os assuntos, algumas anunciadas com antecedência e outras cujos temas só são anunciados quando a transmissão é iniciada.

Quase sempre, abrir uma “live” equivale a deixar uma janela (ou pelo menos uma fresta dela) aberta para que os transeuntes possam verificar o que tem ali dentro. Se o conteúdo não interessa, o visitante, sem a menor cerimônia ou remorso, parte para outra. Quando tem afinidade, com o que é apresentado, a pessoa se abanca e aproveita tanto as informações, quanto a companhia daqueles que ali estão, de forma ostensiva ou em uma discreta timidez.

Em alguns casos, a rígida e implacável norma estabelecida de uma hora exata para cada apresentação deixa no ar o sabor de “quero-mais”, em outras, essa limitação é um grande alívio.

Mas o que se aprende em uma “live”? Há quem acredite que se trate de um tempo desperdiçado, de coisa de quem nada tem para fazer. Não vejo assim... Vejo como uma oportunidade de democratização tanto do ato de aprender quanto da ação de ensinar. Tais transmissões ao vivo mostraram que todos nós temos algo para mostrar ou para ensinar e que sempre haverá quem sinta a necessidade de interagir com as demais pessoas

que comungam dos mesmos gostos e afinidades.

Para quem gosta de aprender, as “lives” podem propiciar ótimas oportunidades de entrar em discussões sobre livros, filmes, peças, autores etc. E, ainda por cima, talvez surja a oportunidade de ter diante de si, aquele artista, professor, palestrante, influenciador... que você tanto admira bem ali na sua frente, doando um pouco de seu tempo para pessoas que muitas vezes se encontram do outro lado do mundo.

Nas “lives” é possível encontrar temas que vão desde a discussão da conjuntura política atual até a vida sexual das formigas africanas. Cabe a cada um de nós filtrar o que nos interessa, agradecer a quem disponibiliza seu tempo e sua energia para que tenhamos bons momentos de interação e, principalmente, respeitar até mesmo quem considere que em uma “live” perdemos nosso tempo.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, mudam-se os costumes... Então, caso não goste, não custa também mudar de “live” e deixar o tempo correr, pois, “tudo passa, tudo passará e nada fica, nada ficará”.

Efêmeros, ridículos, mas Verdadeiros

Para
Marcus Saldanha



Uma das coisas boas do envelhecimento é poder acumular histórias para contar aos mais jovens. Uma das coisas ruins disso é que esses jovens nem sempre querem ouvir o que os mais velhos anseiam por contar.

Como nesse mundo virtual tem gente para tudo, inclusive para ler textos de um cidadão que passou a vida inteira em sala de aula e já ouviu muitas histórias verdadeiras e falsas, arrisco-me a deixar aqui algumas linhas de entretenimento e reflexão.

Então trago hoje para vocês três pequenas histórias que me foram contadas por pessoas idôneas, logo devo crer que sejam verdadeiras. Coube a mim apenas colocá-las em um formato mais sintético e que não assuste tanto os poucos leitores que tenho.

Vamos a elas.

1 - No Facebook

14:05 – Postagem: O escritor e professor ***** está em nossa cidade e fará uma palestra gratuita sobre a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade. O professor ***** é reconhecido nacionalmente como um dos maiores conhecedores da obra do autor mineiro e se prontificou a ministrar a palestra gratuitamente. Vejam local e data no cartaz acima.

15:08 – Comentário: Meu Deusssss do cééééuuuuu!!!! Era meu sonho conhecer esse professor. Pena que não vou poder ir, estou muito gripada e não posso arriscar minha vida pegando sereno para ir até o centro ver a palestra. Fica para a próxima. (carinha de tristeza).

15:19 – O Boi de Orquestra de ******, o mais famoso de nossa ilha irá fazer uma apresentação no Arraial do ******, a partir das 23:00 horas de hoje. Não percam. Diversão garantida. (Foto dos brincantes com as indumentárias juninas e alguns em trajes sumários).

15:20 – Essa eu não perco de jeito nenhum. Posso até morrer de gripe, mas não vou deixar de brincar nesse boi. Não vou perder. (Seis carinhas de pura felicidade)

MORAL DA HISTÓRIA: Nossas prioridades não conhecem obstáculos.

2 – Eu faço Letras

A Praça Deodoro, cheia de estudantes do Ensino Médio, era o local ideal para ***** jogar seu charme e garantir uma companhia para a noite.

Jovem, bonito, dono de ótima conversa e profundo conhecedor das técnicas de abordagem, ele ficava à espreita até que aparecesse a presa ideal. Aproximava-se e começava a jogar seu charme. Nove entre dez garotas não resistiam e se entregavam de corpo e alma ao garanhão que, dias depois arrumava um jeito de dispensar a garota sem magoá-la. O contato ficava na agenda. Quem sabe se em uma noite solitária?...

Fim do turno vespertino e quase começo das aulas do noturno. Momento ideal para o ataque. Escolheu a vítima e partiu para a abordagem. Morena, olhos claros, cabelos pretos batendo na cintura, corpo de academia, 17 para 18 anos, aproximadamente, calça super justa e recheada pelas abundantes formas, blusa da escola com um nó que deixava antever a perfeição de uma barriguinha esguia. Ria alto e

chamava a atenção de todos.

Era o exemplo perfeito da beleza e da vulgaridade em uma mesma pessoa.

***** aproximou-se. Não foi difícil fazer com que ela dispensasse as colegas de escola para que ambos tivessem mais privacidade nas palavras, nas carícias e nos olhares.

Ela foi logo dizendo que ia fazer 19 anos, não tinha namorado e era livre para chegar em casa na hora que quisesse. Acrescentou, para espanto de ***, que estava no primeiro ano do ensino médio e que detestava estudar.

Entre uns amassos e outros, em uma das transversais da Rua Grande, quando se dirigiam ao carro dele, ela perguntou o que ele fazia.

Respondeu que trabalha no escritório do pai e que fazia Letras na Universidade Federal do Maranhão. Com um brilho no olhar, a garota foi logo dizendo:

– Que legal, você faz Letras, então vai me ajudar.

Ele, meio aborrecido, fez sinal positivo com a cabeça e esperou que ela colocasse sua dúvida sobre Gramática, Redação ou Literatura.

Ela, sorridente e toda serelepe, disse logo:

– Tava procurando mesmo alguém que fizesse Letras. Você pode fazer uma capa de um trabalho de Química para mim? Nunca aprendi a desenhar aquelas letras grandes e bonitas.

Fez uma bela capa. Mas decidi não pedir o número dela.

3- Surpresa!!!!

O professor decidiu dar uma aula diferente. Passou nas Lojas *****, comprou um best-seller da moda. Entrou em uma papelaria, pediu um papel de presente, enrolou cuidadosamente o livro e foi para a escola onde ministrava aula.

Era um ótimo profissional. Sempre fazia tudo para estimular os alunos a lerem e aprenderem mais e mais. Nem sempre lograva um bom resultado. Mas não desistia.

Ao entrar na sala de aula, deixou todo o cansaço do lado de fora e foi logo avisando: “Quem participar mais e responder todas as questões ganhará um presente no final da aula”.

O difícil foi controlar a euforia dos alunos. No final, um garoto da terceira fila foi o grande vencedor. Qual seria o presente-surpresa?

Feliz com sua dinâmica, o professor abriu sua mochila e de lá sacou o pacote com o livro. Tentou não dar atenção à cara de

decepção do aluno, que recebeu o livro, arrumou suas coisas e saiu acompanhado dos colegas de turma.

Depois, o professor, triste, após apagar o quadro, saiu e ainda deu tempo de ouvir o resmungo do aluno no corredor: “Besteira... que que eu vou querer com uma merda de livro. Se pelo menos fosse um ingresso para um show de forró ou um CD de funk...”

Sem olhar para trás, perguntou em voz alta: “Alguém aí quer essa porcaria?”

Jogou o livro no chão e todos saíram chutando o inútil objeto. Perderam o controle e o livro ficou para trás. Todos foram embora rindo alto.

As lágrimas rolaram dos olhos do professor. Porém, antes que tivesse tempo de recolher o livro, um rapazinho que saía de outra sala, deu uma breve corridinha, pegou o livro, andou alguns passos e jogou aquele estranho objeto em uma das lixeiras que ficavam no pátio da escola.

Daltro: um talento em tela

Para
Gilberto Luiz Alves



A credito que tudo no mundo tenha uma história. Porém tenho também a certeza de que nem sempre há o interesse em saber o porquê de certas escolhas ou dos acontecimentos. É sempre mais fácil colocar a culpa nos acasos e esquecer os fios e nós que nos trouxeram até onde estamos. Aprendi isso quando, ainda garoto, me deliciava ao ouvir os “causos” contados pelas pessoas mais experientes. Talvez venha daí essa minha mania de iniciar meus textos situando histórica e afetivamente meu tema de estudo.

Minha relação com a obra do artista plástico Daltro (a quem não conheço pessoalmente) e a conseqüente admiração por sua obra é algo bastante recente. Data de 2017. Naquele ano, pela primeira vez, tive que passar meu aniversário longe de meus familiares. Nunca fui de comemorar datas. Mas, sem dúvida, é muito estranho não estar entre os seus nessas horas

de alegria e reflexão. Mas eu não estava sozinho. Duas outras colegas de turma – Mel e Mira – também completavam ano na mesma semana. Eram três dias seguidos de comemoração.

O sempre elegante professor Gilberto Luiz Alves, que além de meu orientador no doutorado, acabou se transformando em um amigo que guardarei para sempre, convidou a turma para um jantar em homenagem aos três aniversariantes. Nem todos puderam ir. Mas foi uma noite muito agradável e de muitos aprendizados na churrascaria Vermelho Grill, com direito a muitos sorrisos e até um bolo.

Depois disso, fomos conhecer o vasto acervo do professor Gilberto Alves, reconhecidamente o maior colecionador de arte em Campo Grande. É nesse ponto que meu caminho cruzou com a arte de Daltro. Entusiasmado, o dono da coleção de quadros explicava aos ouvintes o valor artístico e histórico das obras ali expostas nas paredes. Havia também algumas telas que ainda estavam por serem emolduradas. Vi uma que me chamou a atenção: O Castigo Paterno. Autor: Epamilondas Pedreira Daltro Júnior, um corumbaense nascido em 1965 e que adotou o nome artístico de Daltro.

Passei um bom tempo admirando a tela e, no final da

visita. Para surpresa dos aniversariantes presentes, cada um de nós ganhou uma tela. Não há como expressar a alegria de receber um presente desses. Ao voltar para casa, tomei logo as providências de mandar emoldurar aquela obra de arte e hoje ela ocupa um lugar de destaque em minha sala.

Mas quem é Daltro?

Daltro é um dos melhores e mais versáteis artistas de Mato Grosso do Sul. Basta pousar o olhar em uma de suas telas para que se possa perceber que ali está um desenhista/pintor/escultor que leva a sério sua arte e que não se preocupa em copiar técnicas e estilos alheios, imprimindo suas digitais em cada um de seus quadros e de seus desenhos.

É possível perceber que Daltro tem preferência temática por retratar as pessoas simples em ambientes comuns, sem ostentações e rodeados pelos elementos da natureza. Seus traços são fortes e não parecem muito preocupados em compor cenas em hiper-realismo, preferindo fazer com que as sinuosidades das personagens “saltem” da tela diretamente para o olhar do observador em uma espécie de expressionismo/impressionismo no qual as cores e formas se completam sem a necessidade de exagerar nos traços.

Lavadeiras, pescadores, crianças, farristas, camponeses, vaqueiros, violeiros e outras figuras populares são o centro das atenções de Daltro quando a temática de sua tela remete a seres humanos. O tom, às vezes desfocado, mesclado com as cores vivas dão um efeito especial às obras e remetem à sensação de pertencimento às paisagens retratadas e às situações expressas. Mesmo sabendo que a pintura representa uma cena isolada, é possível perceber-se e apropriar-se da movimentação do antes e do depois que emana de cada quadro desse artista.

Dentro de seu projeto artístico, Daltro também se dedica a imortalizar as paisagens de sua cidade em seus quadros. É possível, a partir das pinturas desse artista, fazer um passeio turístico pelos locais que frequentam suas memórias afetivas e percepções.

Ainda bastante jovem, Daltro já pode ser considerado um dos mais expressivos artistas não apenas do Centro-Oeste brasileiro, mas sim de todo o Brasil e, possivelmente, poderá alçar a uma carreira internacional. Talento ele tem para isso.

Quem se interessar pela obra desse artista plástico, pode ter acesso a centenas de trabalhos seus em sua página no Instagram (@daltro65). Ali estão não apenas suas telas, mas

também reproduções de esculturas e de desenhos. Assim é possível avaliar, mesmo que superficialmente, um pouco da obra desse artista que merece todos os aplausos.

Tudo no mundo tem uma história. A de Daltro é feita de cores, traços e de muito talento.

Enem: na hora da redação

Para Kátia Cilene
Ferreira França



Eis que se aproxima um dos momentos mais esperados por todos aqueles que se preparam para a conquista de uma vaga em um curso superior. Depois meses ou até anos de preparação, os candidatos olham para o calendário e percebem que a hora decisiva se aproxima rapidamente e, junto com uma cansativa bateria de questões, vem também a temida Prova de Redação.

Para escrever uma boa redação, é necessário que o candidato esteja atento aos assuntos discutidos ao longo dos anos em jornais, revistas e noticiários. Algumas pessoas perdem muito tempo tentando adivinhar qual seria o tema exato da redação, quando o mais correto seria preparar-se para escrever sobre qualquer assunto, evitando assim a possibilidade de sentir-se “sem ideia” ao deparar-se com um tema sobre o qual não tenha o necessário domínio.

O modo mais adequado de preparar-se para uma prova

de redação é investir diariamente um tempo para atualizar-se sobre os principais assuntos divulgados pela imprensa e também estar atento a notícias que nem sempre fazem parte das manchetes, mas que podem trazer impacto direto na vida das pessoas. Ler, assistir a filmes e documentários, participar de grupos de discussão, estar atento às atualidades e estar sempre disposto a aprender algo, são algumas das estratégias e atitudes que podem ajudar a melhorar o desempenho do candidato na hora da redação. Mas tudo isso terá pouca efetividade se não for intercalado com a prática de elaboração de textos.

Não são raros os casos em que alguém se dedica a conhecer profundamente os assuntos mais prováveis de “cair” na prova de redação, mas que não pratica o suficiente para ter segurança na hora da escrita. É preciso também não descuidar das normas gramaticais (acentuação gráfica, pontuação, regência, concordância, ortografia, etc.), atentar sempre para a coesão textual, tomar cuidado com a coerência, e fazer um texto que tenha uma sequência lógica, com começo, meio e fim bem articulados entre si, com boa concatenação das ideias e bom grau de informatividade.

As diretrizes do Enem exigem que o texto produzido

pelo candidato tenha estrutura dissertativo-argumentativa e que ocupe entre 7 e 30 linhas, não podendo o candidato fugir ao tema proposto ou inserir elementos estranhos à tipologia exigida, como desenhos, palavras de ordem, impróprios ou assinaturas em locais inadequados. Caso essas indicações não sejam seguidas, a nota geralmente não é boa.

Outro cuidado a ser tomado é com o vocabulário utilizado no texto. É preciso evitar cacoeses linguísticos como “coisa”, “né”, “pra mim”, etc. Importante também não deixar que as emoções tomem conta do texto. O tom deve sempre ser racional e argumentativo. Nesse ponto algumas pessoas se perdem e acabam escrevendo trechos como: “Coitadinho dos bichinhos que sofrem maus tratos por parte dos humanos malvados”, “Esses políticos não têm vergonha na cara e roubam o povo descaradamente” ou “Nós, pessoas honestas, devemos nos unir para acabar com essa corja de corruptos”.

Outro ponto importante que as pessoas costumam esquecer é que em uma redação para o Enem é sempre necessário sugerir alguma proposta de solução para os problemas apontados ao longo da dissertação. Essa solução deve ter praticidade e possibilidade de execução, mas sem

apelar para as forças sobrenaturais, como costuma acontecer em muitos textos nos quais o redator confunde fé e ideologia com propostas bem executáveis e bem elaboradas.

Redação é algo que não deve ser deixado para a última hora. Ela deve fazer parte do cotidiano de todos os candidatos que lutam por uma vaga nas universidades. Praticar a escrita é o grande segredo.

Na sala de aula virtual...

Para Antônio Guimarães
de Oliveira



Com o advento da Pandemia causada pelo Covid-19, quase tudo foi alterado. As formas de interagir com as pessoas sofreram grandes modificações, e o medo, às vezes disfarçado de súbita coragem, passou a ser a companhia diária de quem está conseguindo sobreviver a este complexo momento histórico. Os profissionais das mais diversas áreas procuram, desde o início da crise, uma solução que consiga unir saúde, bem-estar, vida normal e desenvolvimento econômico. Mas parece que, pelo menos por enquanto, essa panaceia habita apenas o mundo dos sonhos.

No meio dessa confusão generalizada, as escolas (e todos os seus atores) tiveram que adaptar-se a uma nova realidade – ou a um novo normal, como querem alguns. Algumas medidas foram tomadas para minimizar os prejuízos causados pelo fechamento físico de algumas instituições e pela impossibilidade

de comparecimento às aulas de alunos e/ou professores. Às tecnologias digitais deixaram de ser vistas com desconfianças e se tornaram poderosas armas de aproximação entre os diversos elos da corrente educacional.

E não é que, no meio de tudo isso, envolvidas com aulas síncronas e assíncronas, aparelhos e aplicativos, dificuldades e superações, as pessoas estão percebendo que, em muitos aspectos, os tipos sociais que aparecem nas salas de aulas virtuais são bastante parecidos com os que frequentavam a sala de aula física?

Diante do computador, tablet ou aparelho de telefonia móvel (celular), há uma multidão de comportamentos que sofreram poucas alterações. Continua existindo aquele/a aluno/a que faz de tudo para estudar e aprender, que acorda cedo, pega seus cadernos, lápis, livros, etc. e tenta tirar o máximo do esforço de seus professores em ensinar nas plataformas disponíveis. Há também aqueles cujos familiares acreditam que ficar com um livro (agora celular) nas mãos é coisa de vagabundo/a, de desocupado/a. Não deixaram de existir aqueles/as que se abrigavam nos fundos da sala para recuperarem o sono perdido durante a madrugada.

Continua havendo aquele/a estudante que faz todas as atividades, que pesquisa com antecedência o conteúdo das próximas aulas, mas ainda existem aqueles que nem mesmo suspeitam qual foi o assunto trabalhado minutos antes. É possível identificar naquele/a aluno/a que não pode acessar as aulas virtuais por falta de crédito ou de acesso à net, a mesma pessoa que faltava às aulas na escola por não ter o dinheiro da passagem ou não ter como tomar um café com pão que lhe desse forças para enfrentar as horas e mais horas de aula.

Ainda é possível encontrar quem use a desculpa de haver deixado o trabalho no “outro caderno” na figura do que diz que estava off-line e não teve como recuperar algum documento na caixa de e-mail. Continuam abundando aqueles/as estudantes que conhecem tudo em tecnologias digitais e frequentam assiduamente as redes sociais, mas que não sabem como anexar uma tarefa nas plataformas sugeridas pelo/a docente. Não é raro encontrar aquela pessoa que antes deixava a mochila em uma cadeira, pedia para tomar água e voltava somente na aula seguinte, para repetir a operação de fuga. Mas agora isso aparece na imagem de uma câmera e de um microfone desligados diante de triste imagem de um

aparelho abandonado em um suporte sem ninguém por perto. O importante sempre foi responder à frequência ou assinar o nome na lista de chamada. A aprendizagem pode ficar para depois. Mesmo sem a garantia de que exista um depois.

Não se pode esquecer também que, do outro lado da tela, ainda existem aqueles/as profissionais que se orgulham da missão recebida e que se sacrificam para que seu alunado tenha os melhores momentos de aprendizagem, em contraste com aqueles que sempre apertaram, independentemente da presencialidade ou não, o invisível botão do “se vire”, e que sentem que cada segundo em aula é uma eternidade. Um tempo que nunca passa, uma aula que nunca acaba, uma turma que deveria desaparecer da face da terra.

Ou seja, uma sala de aula virtual guarda muitos pontos de semelhança com as aulas físicas presenciais. Há até casos de quem reclame não da impossibilidade de ir para a escola / universidade / faculdade, mas sim da falta de oportunidade de faltar às aulas para bater aquele papinho com a turminha enfarada de tanta aula.

Mas para tudo isso se dá um jeito. A criatividade humana não tem limites.

Brincando com as palavras

Para Natasha
Mamória



Gosto de me divertir imaginando o que fazer com as palavras. Acho interessante como cerca de duas dúzias de letras são capazes de reproduzir em palavras quase tudo o que sentimos ou imaginamos. Como nem sempre tive à minha disposição artefatos que pudessem ser manuseados como se fossem brinquedos para ajudar a passar o tempo, desde a primeira infância comecei a transformar palavras em jogos mentais que me pudessem conduzir a outras realidades.

Em troca, as palavras deram-me tudo o que tenho. Sou grato a elas, que são minhas amigas e companheiras em todos os momentos.

Lembro-me que no final de 2003, um aluno chamado Cayro Léda, que hoje brilha nas áreas de atuação que escolheu, me ofertou um livro intitulado “Abelhas Assassinas”, de Nygel Filho.

O livro é uma novela na qual todas as palavras são iniciadas com a letra A. Mas junto com o livro veio também um desafio: escrever um conto no qual as palavras também começassem com a primeira letra do nosso alfabeto. Aceitei. E dias depois escrevi o seguinte texto:

AMORES ASSASSINOS

Antigamente, Ana amava a Antônio, advogado ardiloso. Antes, amou a arapuca a Anselmo, alcoólatra ambicioso. Agora Ana arrasta as asas a Anderson, antigo amigo.

Anderson, artista acostumado a andanças, às artimanhas amorosas, arranja argumentos a avançar ao alvo. Apaixona-se ardentemente. Adianta-se à amorosa ala admiradora. Abobalhado anda.

Amavelmente, Anderson afasta as aventuras adjacentes. Arremessa algumas amantes antigas ao alojamento amoroso. Aspira à amada... à alcova. Amor anestesiando-lhe a abóbada adamantina, afagando-lhe as artérias apresadas aos ásperos abraços apaixonados.

A alegria aproxima-se.

À Ana agrada a alegria. Aspirando alfazema, aspirando a alamares, arquiteta amanhã: anéis anulares, algemas acasalantes, augustas aventuras, arrasadoras alvoradas... Aves apaixonadas acariciando-se à aurora. Alegria, alegria, alegria...

Antônio, ardiloso advogado, antigo amado; Anselmo, avacalhado antecessor ao atual amante. Ambos ajustam-se. Armam armadilha. Acercam-se assobiando. Atiram, atiram, atiram. Assassina Antônio.

Acaba a alegria.

Argumentações, anotações antigas alusões amorosas, advogados armam argumentos. Aparecem álibis... Acusados absorvidos. Assunto arquivado.

Ana, apaixonada, anda a acusar antigos amados. Angustiada, afoga as acusações. Adianta? Amigos aconselham: “Amores aparecerão, ânimo, Ana!”

Assim a angústia acomoda-se.

Gostei da ideia e resolvi escrever um conto com cada letra do alfabeto. Claro que foi difícil. Já coloquei alguns em redes sociais e os cinco primeiros devem sair ainda este ano em uma antologia. Um dia devo publicar todos, mas por

enquanto vou deixar aqui para meus poucos leitores um que usei recentemente em uma aula. O título é “*Virgem Violentada*”.

- Vô Valdemar, Vitório violentou Virgínia!

- Viche! Verdade, Valberto ?

- Verdade verdadeira, vovô, Vicente viu.

- Vamos ver. Vizinhaça vem vindo. Vamos, Valberto.

- Vamos, vovô!...

-----x-----

Várias vezes, Vovô Valdemar vira Virgínia varrendo varanda. Vestidinho vermelho, velhinho... Vendendo vitalidade. Virgínia valorizava virgindade, vivia vangloriando-se: “Vivo virgem, valorizo-me.”

Verdadeiro voyeur, Vitório vigiava Virgínia. Violentava-a visualmente. “Vou ver Virgínia varrendo. Voltarei.”

Vicente, vagabundo velhaco, vaticinou: “Vai violentá-la. Vou ver, vou ver...” Vicente viu.

Vestidinho vermelho, Virgínia varria varanda. Vitório vinha vindo. Virgínia virou-se, viu Vitório violentamente vencê-la,

virá-la, violentar-lhe ventre virgem, verter vertiginoso vômito viril.

Vicente viu Virgínia vestir velhíssimo vestido vermelho. Virgínia Voltou. Vicente viu vidro. Viu veneno. Viu Virgínia, vermelha, vomitar verde vômito. Vicente viu vida vazia.

Gosto de brincar com as palavras. Elas sempre foram minhas amigas ao longo de minha trajetória em busca de um pouco de diversão. Muitas vezes elas foram meu grande refúgio.

Ao que se foi

Para Tânia Arruda



A o que se foi...

É, meu caro, agora que você definitivamente nos deixou, talvez possamos pensar com um pouco mais de calma sobre o tempo que passamos juntos...

Você chegou em meio a uma grande festa. Muitas expectativas. Muitos sonhos. Todos esperavam por você ansiosamente. Não eram poucos os que maldiziam seu antecessor e viam na sua chegada um novo tempo de paz e prosperidade... Quem pôde comprou roupa nova para recebê-lo. Quem estava desprevenido deu seu jeitinho e, da mesma forma, comemorou sua vinda. Cada um a seu modo, claro.

Você não veio pelo mar, mesmo assim, muitas pessoas lotaram as praias para esperá-lo ao som dos fogos, das músicas, das palmas, do estourar das garrafas de champagne e do bater

dos corações que se comprimiam em demorados abraços e trocas de sorrisos.

Radiante, você chegou.

Ficou conosco o tempo determinado. Nem mesmo um dia a mais ou uma hora a menos. Mas foi o suficiente para que muitas pessoas passassem a odiá-lo. Acredito que você apenas esteve na hora errada e no local errado. Você não é bom nem mau. Foi mais um que chegou e que se foi. Mas as pessoas estão muito tensas para pensarem nisso. Elas culpam você pelas perdas dos amigos, pelo caos na economia, pela falta de liberdade para irem e virem, pelas escolas fechadas e pelos corações temerosos...

Você foi condenado mesmo antes de um julgamento. Você foi escolhido como vilão de uma era sem mocinhos ou talvez só de mocinhos.

Já ouvi dizer que o mundo seria melhor se você não viesse, mas acredito que sem sua presença talvez nem mesmo teríamos um mundo e um futuro. Sem você, seus sucessores não terão a mesma força. Sua existência é essencial para que os que ficaram possam ver o mundo de outro modo. Talvez até tenham um pouco mais de cuidado com o planeta e com os sobreviventes... Não sei...

Junto com você, chegaram também um inexplicável medo de tocar e de ser tocado, uma guerra de informações, um jogo político que apostava mais do que nunca na confusão e na desinformação. Você trouxe uma avalanche de situações que não faziam parte de nosso cotidiano.

De repente, depois da festa de recepção, o mundo parou. As pessoas pararam. Olhos e ouvidos ficaram colados em notícias atualizadas a cada minuto. Os números de mortos eram somados em intermináveis tabelas. Os amigos que demoravam a dar notícias nem sempre estavam em casa. Alguns havia se mudado definitivamente para a eternidade, sem a possibilidade de um último adeus.

A tristeza e o espanto foram os fiéis companheiros das pessoas durante seu reinado. Houve quem utilizasse o tempo disponível para refletir, estudar, ler, escrever, sonhar... Mas muitos caíram no sombrio poço da depressão e de lá poucos conseguiram sair sem a ajuda de amigos e dos profissionais que se desdobram para ter tempo para si, para a família e para as tarefas que se multiplicavam a cada suspiro.

Nesses tempos, muitas máscaras foram usadas e outras tantas caíram. Muitos morreram por causa de uma doença sem

explicação. Outros, no entanto, passaram a viver (e muito bem) em função dessa mesma enfermidade que convidou todos a ficarem em casa e que possibilitou tantos desvios (de verbas e de condutas).

Faz alguns dias que você se foi. Partiu sem o barulho dos rojões e entregou para seu sucessor um mundo em pânico, cercado de desconfiança e de (im)possibilidades. Muitos não sentirão sua falta, todavia outros viram em você o melhor momento da história para novos investimentos, para novos desafios... O fosso social aumentou e agora nele cabe boa parte da nação.

Agora que você se foi – já condenado pelos juízes do dia a dia – não temos a menor ideia de como será esse novo império. Será que teremos uma vacina contra as lembranças que você nos deixa? Não sabemos.

É, meu caro, vá em paz, pois muitos já partiram para ela desde sua chegada. E, assim, como você, os que partiram não mais voltarão. Mas pelo menos deles muitos sentirão saudades sinceras.

O mundo a um clique?

Para Eleine Casale e
Omar Carmona



Houve um tempo em que o mundo parecia bem maior do que realmente é.

As informações e as encomendas demoravam a chegar e muitas vezes vinham montadas no lombo de animais de carga. Naquela época, o carteiro era uma das figuras mais esperadas do bairro. Sua chegada era capaz de abrir sorrisos ou de fazer alguém derramar-se em lágrimas.

Naquele tempo, a paciência era uma necessidade. As famílias mais aquinhoadas, nas datas comemorativas, tinham em mãos uma máquina fotográfica e um rolo de filmes com espaço para 12, 24 ou 36 fotos. As poses eram quase sempre formais e era remota a possibilidade de um clique aleatório. O resultado só era visto muito depois, quando os rolos eram levados para uma casa especializada, e as fotos eram reveladas... As imagens nem sempre eram das melhores!

Os tempos passaram... as chamadas inovações disruptivas mostraram-nos um mundo bem diferente daquele conhecido pelas gerações anteriores. Hoje as notícias chegam praticamente em tempo real, fotos são compartilhadas com um mínimo esforço, e os carteiros mais entregam contas do que propriamente cartas.

Com tantas inovações e com a popularização do acesso às tecnologias, temos a impressão de que tudo está a um clique e que todos têm as mesmas oportunidades de acesso às informações. Mas não é bem assim...

Mesmo com a aparente quebra de muitas barreiras, com os avanços tecnológicos e com os progressos em vários níveis da sociedade, os cliques nos mouses, os toques nas telas supermodernas e os inúmeros aplicativos não conseguiram amenizar alguns problemas que merecerem uma atenção maior.

Nas relações de afeto, por exemplo, as pessoas vivem cercadas de meios de comunicação, mas se isolam para o mundo. O celular e o computador servem de intermediários para esconder uma solidão crescente. Embora o ícone de alegria ou tristeza possa ser enviado em um breve movimento de dedos, está cada vez mais difícil encontrar alguém para um

bate-papo cara a cara, com belas risadas e sem preocupação com o tempo. A mesma pessoa que é tão generosa em elogios nas redes sociais parece ter medo de expandir seus sentimentos quando encontra o amigo virtual ao vivo no elevador, na escada ou no meio da rua.

Ao mesmo tempo fora do alcance dos cliques, mas muitas vezes causados por eles, estão os novos tipos de polarização que se espalham por aí. De um lado estão os que podem ter acesso às diversas formas de mídias de alta velocidade; do outro, ficam os que têm pouco ou nenhum acesso às modernas formas de comunicação. Enquanto uns se sentem bem exibindo aparelhos de última geração, outros parecem sentir vergonha do que não têm.

Em segundos, podemos fazer um passeio virtual por diversos países, visitar museus, entrar no acervo das mais importantes bibliotecas e conversar com pessoas com as quais jamais teremos contato físico. Mas não depende apenas de nossa vontade ou de um simples e mágico toque acabar com problemas como fome, preconceitos, doenças, desigualdades sociais, prostituição infantil, violência...

Hoje as informações chegam aos nossos olhos e ouvidos

em grande velocidade, mas parece que nada se fixa na memória por muito tempo. A história parece composta de frames que perdem a importância no momento seguinte. Os fragmentos de vida são expostos na internet ou guardados nos esquecimentos dos inúmeros arquivos de pen-drives, cartões ou nas nuvens. Enquanto isso o tempo passa e nós ficamos à espera de novas tecnologias que talvez expliquem nossa solidão.

É... estamos vivendo em uma época em que o mundo parece bem menor do que realmente é. Ele ainda não cabe em um chip ou em um clique. Mas quem sabe não possa caber em um sorriso, abraço ou olhar.

O primeiro livro que li

Para

Laura Barros Neres



Sou um daqueles muitos garotos nascidos no início da década de setenta do século XX. Eu e minha geração sofremos na pele muitas das dores, decepções, gritos e silêncios que cercaram aquela época. Muito jovens, não conseguíamos atentar para as radicais mudanças que ocorriam a nossa volta. Política, economia e as diversas questões sociais passavam diante de nossos olhos e ouvidos, mas não tínhamos ainda discernimento para saber o que estava acontecendo. Um sentimento de inocência parece que nos protegia de quase tudo, menos da fome e do medo.

Quando cheguei à idade prevista, fui levado para a escola. Minha família matriculou-me no Centro de Ensino número 02, na cidade satélite do Gama, onde morávamos em uma casa alugada. Rapidamente fui alfabetizado e comecei a ver que havia um outro universo que se escondia por trás das palavras.

As sextas-feiras tinham para mim um sabor especial: era quando minha turminha era levada para uma sala na qual havia uma televisão e onde todos nós, durante aproximadamente uma hora, nos divertíamos com as peripécias lobatianas vertidas para a tela nos episódios do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

A miopia em alto grau me levava a sentar bem próximo à TV. Ali, a imaginação daquele garoto magrinho e de poucas conversas ganhava asas. A professora, de cujo nome infelizmente não me lembro, transformava uma simples sala em um paraíso para quem começava a apaixonar-se pelas palavras, pelas cores e pelos sons. Durante sessenta minutos, Emília, Pedrinho, Narizinho, Tio Barnabé, Visconde de Sabugosa, Cuca, Saci, Tia Nastácia, Dona Benta e todas as demais personagens do Sítio transformavam-se em meus melhores amigos.

Anos depois, as circunstâncias levaram-me para morar no Parque Estrela Dalva, no município de Luziânia. Foi ali que comecei a colecionar meus primeiros amigos de verdade, pessoas que não eram fruto da imaginação, nem de uma tela de televisão. João Batista, Domingos, Isabel, Raimundo, Airton, José Geraldo, Lady, Luzia, Aparecida, Messias, Carlinhos, Chico, Lurdinha, Leodaldo e muitas outras pessoas que viverão

eternamente em minha memória, todos mais ou menos da mesma idade, começaram a me fazer entender que o mundo é feito de bifurcações e de encruzilhadas, e que nem todos os caminhos voltarão a convergirem para um mesmo ponto.

Naquele colégio pequeno, onde só era possível estudar até à antiga quinta série, encontrei professoras maravilhosas que acabaram me mostrando o caminho das letras dos números e das ciências. Eu queria estudar um pouco mais. E, para fazer isso, tinha que todos os dias acordar às quatro e meia da madrugada, andar no escuro uns três mil metros, pegar um ônibus e rodar mais de quarenta quilômetros até chegar à minha nova escola: Alceu de Araújo Roriz, onde também fui muito feliz. Que bela experiência estudar ali.

Mas antes disso, fui capturado pelas armadilhas da leitura. Eu e meus colegas não tivemos a sorte de ter brinquedos caros, viagens, férias em lugares distantes. Tivemos sim, muitos bons momentos de amizade, muitos jogos de queimada, de futebol, muitos mergulhos em rios. E quase todos, cada um a seu modo, aprendemos a transformar palavras em interessantes e indestrutíveis brinquedos. Foi aos nove anos que o primeiro livro completo (fora os didáticos) caiu em minhas mãos e meus olhos

trataram de devorá-lo. Mas que livro seria esse que acabaria me transportando ao mundo mágico das palavras escritas?

Foi uma edição adaptada de *A Tulipa Negra*, de Alexandre Dumas. Como até hoje tenho o livro e ele está à minha frente no momento em que escrevo, posso afirmar que se trata de uma edição em capa dura da Editora Melhoramentos, com adaptação feita por Luís Taddeo, capa e ilustrações de Juvenal R. da Silva Ramos. O volume é o 19º título da coleção Obras Célebres publicada por aquela editora em 1968. Uma raridade que me acompanhará até meus últimos dias.

A capa traz em destaque o rosto do vilão da história secundado pela imagem dos protagonistas da obra: o doutor Cornélio Van Baerle e a doce e bela Rosa. Para uma criança que começava sua caminhada nos terrenos da ficção, enfrentar as 120 páginas daquele livro era um desafio e tanto. As palavras pareciam que nunca chegavam ao fim, mas a história bem construída, cheia de peripécias, o estilo fluido de Dumas, as belas ilustrações e a competente adaptação fizeram com que o desafio inicial se transformasse em um prazer inenarrável.

Avidamente, acompanhei o árduo trabalho de Cornélio para conseguir produzir uma tulipa negra, os primeiros contatos

dele com Rosa, a vilania de Boxtel e de Grifo, os sofrimentos do protagonista na cadeia e as inúmeras dificuldades enfrentadas por Cornélio para tentar conquistar tanto a mulher amada quanto o prêmio oferecido para quem conseguisse cultivar uma tulipa negra.

Lembro que o livro passou também pelas mãos de meus companheiros de jornada e que nós comentávamos animadamente aquele mirabolante enredo. Acabávamos de descobrir que as palavras têm o poder de transportar pessoas para lugares inimagináveis e para tempos inatingíveis, viajamos para a Holanda do século XVII, descobrimos que o bem e o mal estavam sempre lado a lado e que a linha que os separa é muito tênue.

Não. Não irei resumir ou analisar o livro. Para mim ele é mais que um livro. É um preciosíssimo pedaço de meu passado, de algumas de minhas mais belas recordações. Nas páginas desse livro há mais que palavras, há também a presença de meus amigos de infância e momentos de uma inocente alegria. Mas espero que alguém leia esse romance em uma das diversas versões disponíveis hoje, inclusive na internet, gratuitamente.

Naqueles tempos difíceis, fui um dos poucos garotos

daquele grupo a continuar estudando, fiz da palavra o meu sustento físico e espiritual, li algumas centenas de livros, escrevi algumas páginas e guardei como verdadeira relíquia aquele livro que chegou à minhas mãos, me pegou pelo braço e ajudou aquele menino de olhos tristes e de baixa visão a enxergar o mundo de tantos outros modos.

Como não agradecer a tanta gentileza?

Eu e Mario Quintana

Para Sandino Hoff



Venho de uma infância na qual a criança tinha mais tempo para ser criança. Para brincar, divertir-se, correr, suar e sonhar. Naquele tempo, os guris e gurias entravam para a escola com aproximadamente sete anos (dependendo do mês de nascimento). Quando era chegada a hora de começar o período de aula, havia todo um ritual. Os pais levavam a criança para a escola e era impossível não notar a lágrima que teimava em querer cair dos olhos tanto dos filhos quanto dos pais. O medo estampado no olhar do novo aluno era visível e o sorriso ofertado pelas professoras era o único alento entre e a eternidade que separava o começo das aulas até a hora em que a sirene anunciava o fim do horário.

Passei por isso no Centro de Ensino Número 02 do Gama, minha primeira escola, onde recebi as primeiras lições de ciências, matemática, geografia, história e gramática da Língua

Portuguesa. Era ali que, uma vez por semana, tínhamos que levar um tapetinho ou uma almofada para, durante uma hora inteira, assistirmos ao Sítio do Pica-Pau Amarelo, que passava na TV, e que imprimiu em mim as primeiras noções sobre o que era o mundo mágico da literatura.

Foi ali também no meio de uma aula de leitura que entrei em contato pela primeira vez com um amigo que me conduziria pelo mundo da poesia.

Foi mais ou menos assim: A professora chegou (como gostaria de lembrar o nome dela!) pediu que abríssemos o livro e começo a ler em voz alta um poema. Não fui alfabetizado com o B + a – Ba; B + e – Be, etc. Fui alfabetizado com leitura de textos de grandes autores de nossa Língua. O livro era bonito e aquele texto estava logo nas primeiras páginas.

A professora lia e nós acompanhávamos quase em uníssonos, muitas vezes aos gritos:

Em cima do meu telhado,
Pirulin lulin lulin,
Um anjo, todo molhado,
Soluça no seu flautim.

O relógio vai bater;
As molas rangem sem fim.
O retrato na parede
Fica olhando para mim.

E chove sem saber por quê...
E tudo foi sempre assim!
Parece que vou sofrer:
Pirulin lulin lulin..

Depois era nossa vez de ler sem o auxílio da professora. Finalmente, dois ou três de nós éramos convocados para uma leitura individual. Era uma festa! Lembro que o texto tomava a página inteira e que havia uma bela ilustração de uma casa em um dia chuvoso com um anjinho de cabelos encaracolados tocando flauta. No auto da página estava o título (*Canção da Garoa*) e lá no cantinho, meio escondido, estava ele ou pelo menos o nome dele Mario... Mario Quintana.

A partir dali aquele gaúcho genial acabou, sem querer, fazendo parte de meu restrito círculo de amizade, uma espécie de amigo imaginário que passava dos setenta anos e alegrava os sonhos de um garoto de sete.

Antes de me mudar para Goiás e adotar Luziânia como

meu segundo lar, conheci também em sala de aula outros amigos como Ferreira Gullar, Cecília Meireles, Ledo Ivo, Manuel Bandeira e alguns outros que sempre estiveram comigo. E Essas amizades de papel sempre foram fortes como o diamante e longevas como o próprio tempo.

Claro que nunca tive a sorte de ver o Quintana de carne e osso, mas ele me acompanhou durante o ensino médio, o curso superior, nas pós-graduações que fiz e em muitos livros traduzidos que li. Apresentei muitos trabalhos sobre ele, ministrei muitas aulas e palestras nas quais ele foi citado como exemplo de boa poesia.

Lembro-me que em maio de 1994, o Brasil inteiro chorava a trágica morte do ídolo Ayrton Senna e poucas pessoas perceberam que, discretamente, o poeta que foi três vezes rechaçado pela Academia Brasileira de Letras, deixava o mundo terreno para habitar definitivamente as páginas de seus quintanares.

Mário Quintana sempre esteve no meu caminho. Nunca atravancando, sempre me levando a conhecer outros mundos inimagináveis para mim, caso eu dependesse apenas de minha criatividade. Escrevi um longo artigo que foi publicado

na *Revista Conhecimento Prático: Língua Portuguesa* no qual estudava a relação de Quintana com a leitura; passei boa parte de uma tarde conversando sobre o poeta com seu conterrâneo e meu professor Sandino Hoff. E, no final de um período letivo uma simpática aluna chamada Érika me presenteou com uma Antologia Poética de Mario Quintana. Li toda a sua obra em várias edições e guardo seus livros com especial carinho.

Nesta semana (dia 05) Mario Quintana completa mais um ano de partida para a eternidade. Fisicamente ele não está mais aqui, mas sua obra sempre iluminará nossos caminhos.

Sobre o autor



José Neres

- Graduado em Letras (Português/Espanhol) - UFMA
- Graduado em História - Uninter
- Especialista em Literatura Brasileira - PUC-MG
- Especialista em Pedagogia Empresarial e Comunicação Corporativa
- Especialista em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola - Uninter
- Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade - Uninter
- Mestre em Educação - UCB
- Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional - Anhanguera-Uniderp
- Autor de centenas de artigos em jornais e revistas
- Autor de diversos livros em gêneros variados
- Professor da rede pública e da particular de educação
- Membro da Academia Maranhense de Letras (cad. 36), da Academia Ludovicense de Letras (cad. 28) e da Sobrames-MA



ISBN: 978-65-00-38762-9